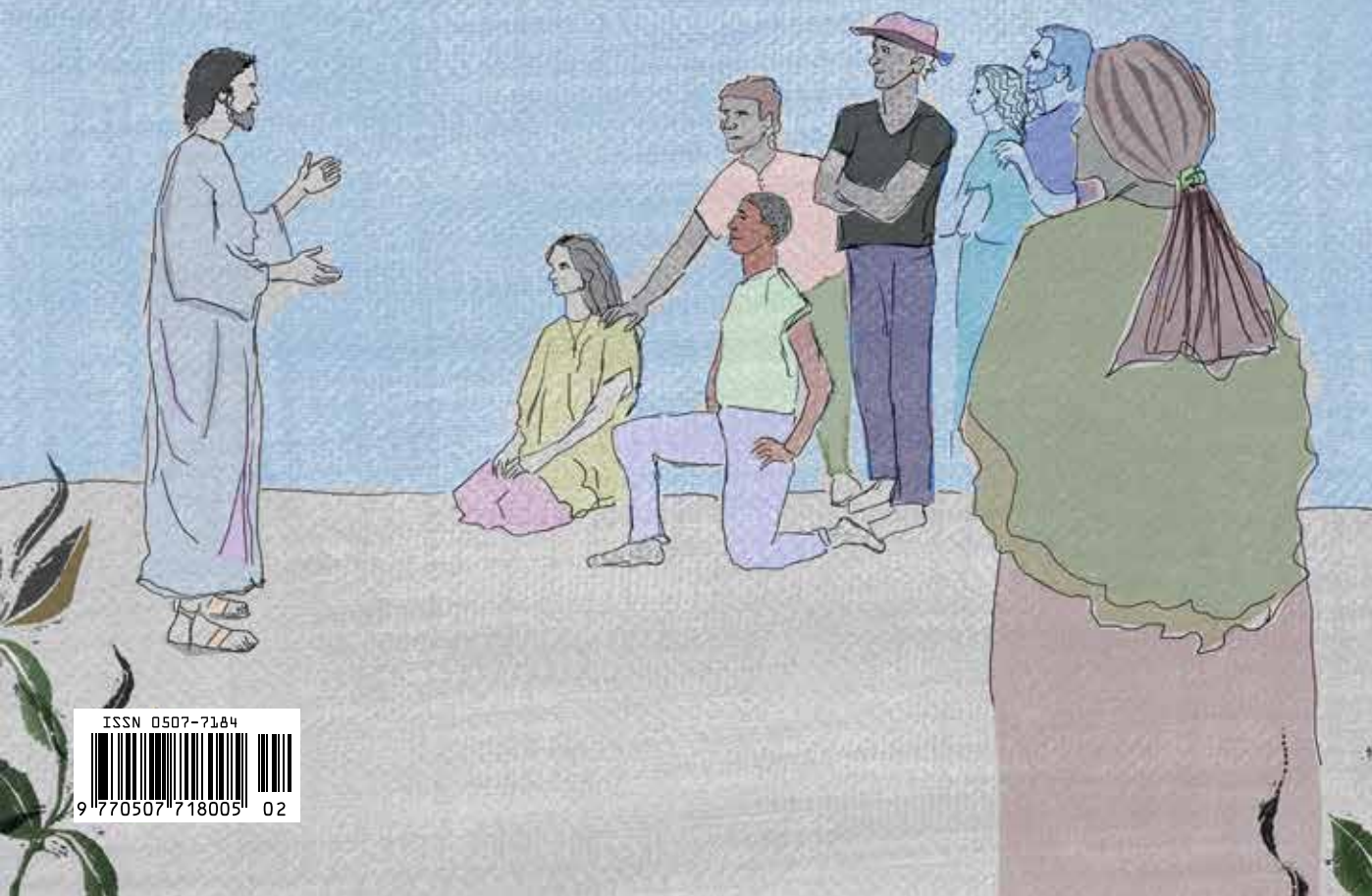


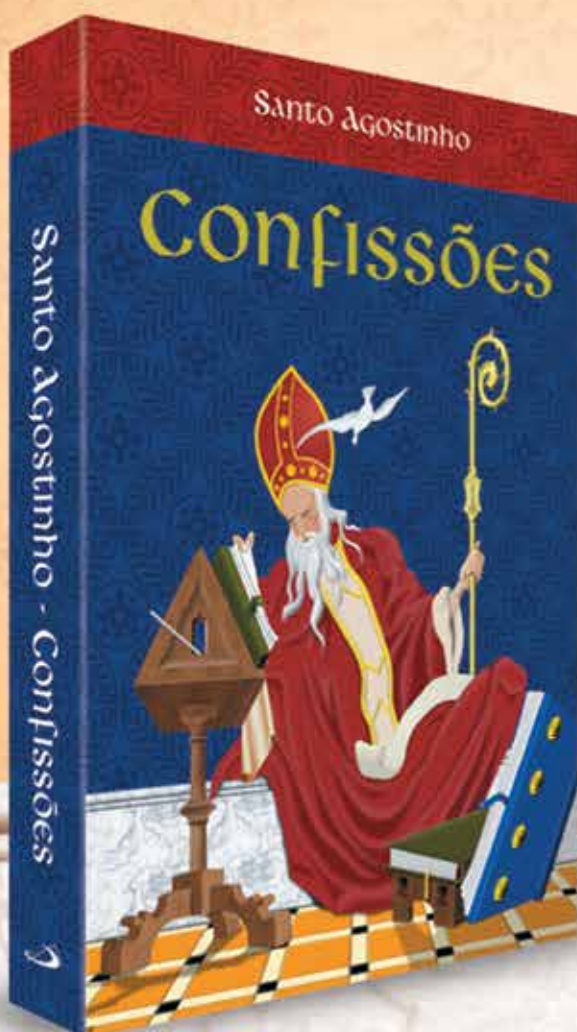
Viver e anunciar o evangelho em tempo de crise

- | | | | |
|-----------|---|-----------|--|
| 3 | A ética de Jesus
Darci Luiz Marin | 29 | O Messias inaudito e a esperança messiânica
do Filho de Davi no Evangelho
de Marcos
Rita Maria Gomes |
| 9 | Pastoral em tempo de crise
Paulo Sérgio Bezerra | 37 | Roteiros homiléticos
Danilo César dos Santos Lima |
| 21 | Desafios evangelizadores
na Amazônia
Cláudio Hummes | | |



Um clássico do pensamento ocidental.

Leitura indispensável!



Confissões

Santo Agostinho

As *Confissões* constituem um livro ainda hoje surpreendente, redigido com rara densidade poética, filosófica e teológica por um dos maiores nomes do pensamento ocidental. Com ele, Santo Agostinho não somente inaugura a autobiografia como gênero literário, mas compõe uma obra há séculos aclamada por seu brilhantismo. Confissão da própria miséria, hino de louvor a Deus e clássico da filosofia, é leitura indispensável para todos os que se interessam por filosofia, história e religião.

456 páginas

A segunda parte de um estudo primoroso sobre a mística cristã, agora publicado em português pela PAULUS.



A presença de Deus: uma história da mística

Tomo II – O desenvolvimento da mística: de Gregório Magno até 1200

Bernard McGinn

Neste segundo volume do trabalho de Bernard McGinn, percorremos uma história que vai de 590 d.C até 1200 d.C. Após explorar as forças culturais que permitiram o crescimento da mística no início da Idade Média, McGinn examina as contribuições do papa Gregório Magno, de João Escoto Erígena e de contemplativos como Bernardo de Claraval, demonstrando como a tradição mística cristã medieval pôde alcançar todo o seu potencial em uma variedade de expressões.

“Que grande e bela profissão: **acendedor de esperança!**”

(Dom Helder Camara)



Ética e participação popular na política a serviço do bem comum

31º Curso de Verão

*Pe. José Oscar Beozzo e Cecília Bernadete
Franco (orgs.)*

Nos últimos anos, a vida política do Brasil parece ter tentado escapar à apatia habitual, com a erupção de manifestações de rua e organizações populares. No entanto, a crise econômica e social que atravessamos também tem ampliado o abismo entre a política e a população, decepcionada com seus representantes. Este livro vem para acender na sociedade a esperança no futuro do país, chamando todos os cidadãos a participar da busca e da construção do bem comum.

344 páginas

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

O que a vida nos pede a todo momento é coragem. E coragem tem que ver com o coração, que tem que ver com o sentido. Uma vida verdadeiramente plena de sentido é uma vida que pensa com o corpo todo e não somente com a cabeça. Isso quer dizer que, para além de todas as crises, a saída exige muito mais do que calculismo. Exige que estejamos integrados, unidos, dispostos a ler a história e os acontecimentos na perspectiva da complexidade. Às vezes, é mais fácil encarar a vida e os fatos de forma simplista, baseada simplesmente em dualismo: o bem e o mal, a esquerda e a direita, a elite e a ralé, o branco e o preto e assim por diante.

Ocorre que a realidade é complexa. Exige esforço para compreendê-la.

Em tempos de crise se ouve tudo que é previsão. Geralmente as mais catastróficas. O economês, por exemplo, é o que mais sobressai. Porque o tal do mercado, esta entidade que ora fica nervosa, ora se acalma, ora faz alarde, ora se cala parece interferir na vida de todo mundo. Sem falar que há sempre quem, mesmo não tendo lido ou conversado nada sobre determinados temas, tem sempre uma opinião formada sobre tudo e sobre todos. E geralmente só percebe o negativo. O pior é se deixar cair no jogo de que nada mais tem jeito e o melhor mesmo seria entregar os pontos.

Nada disso. É hora de avançar, de seguir em frente. Os discursos pessimistas têm interesses escusos. Geralmente querem nos encher de tristeza ou raiva. Isto é, fazem o jogo do opressor: pretendem nos tornar iguais ao inimigo. Se nos deixamos envolver, corremos o risco da derrota, dando a vitória a eles. Agora é que é necessário fortalecer as festas de bairro, as reuniões de pessoas, as ações coletivas e criativas. Vejam que as festas não estão diminuindo; estão aumentando. Sartre,

que não era um otimista, disse certa vez: “A França nunca esteve tão livre como durante a invasão alemã”. É nos momentos difíceis que nossa criatividade desbrava horizontes novos. Melhor mesmo é evitar os preconceitos, as rixas, as discriminações, os pequenos e grandes ódios. Deixando tudo isso de lado, podemos nos unir contra o inimigo comum.

Jesus também viveu numa realidade de crise e opressão. Pairava sobre o povo o braço pesado da política opressora do império romano, bem como uma religião oficial fechada, que se autorreferenciava e, ao invés de motivar os fiéis, impunha fardos pesados sobre eles. A obsessão pela Lei era tamanha que havia 613 mandamentos para serem decorados e seguidos à risca. Algo impossível de viver. O que deveria ajudar, ao contrário, atrapalhava. Jesus foi direto ao ponto: “Este é o meu mandamento: amem-se uns aos outros, assim como eu amei a vocês” (Jo 15,12).

Jesus observava tudo, meditava, fez suas as dores dos sofredores; e aos seus discípulos e discípulas conclamava: “Vocês são o sal da terra [...]. Vocês são a luz do mundo” (Mt 5,13-14). A comunidade cristã é chamada a testemunhar a alegria do evangelho.

Esta edição de *Vida Pastoral* é um convite a renovarmos a esperança. Apesar de todas as crises, principalmente da crise humanitária pela qual o mundo passa, vivemos um momento de primavera na Igreja. O renovado ardor eclesial do papa Francisco é um grande sinal do Espírito. Todas as nossas iniciativas e projetos, tendo o evangelho como fundamento e guia, nos darão luzes para nossa fidelidade pastoral. O Espírito Santo, que tudo renova, nos ilumine na caminhada.

Boa leitura e feliz missão!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora	PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Jornalista Responsável	Valdir José de Castro, ssp
Editor	Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Conselho editorial	Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp Claudio Avelino dos Santos, ssp Darci Luiz Marin, ssp Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Ilustrações	Elinaldo Meira
Editoração	Fernando Tangi
Revisão	Alexandre Soares Santana e Caio Pereira

Assinaturas	assinaturas@paulus.com.br (11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011 Rua Francisco Cruz, 229 Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação	© PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184 vidapastoral@paulus.com.br paulus.com.br / paulinos.org.br vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica. Área: Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus.
A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br
Tel.: (11) 3789-4000
Fax: (11) 3789-4011

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:
Revista *Vida Pastoral* – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELEM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

A ética de Jesus



Darci Luiz Marin*

Toda pessoa e toda sociedade, para terem vida digna, necessitam adotar princípios consistentes que pautem a própria conduta. Jesus Cristo ofereceu e continua oferecendo uma proposta ética original. Ao longo dos últimos dois milênios, tal proposta foi levada a sério por muitas pessoas. Em tempos em que se cultuam modismos líquidos e leves, a quantas anda a ética? É o que procuraremos focalizar nas linhas que se seguem. Trataremos de algumas coisas básicas, se não até elementares no modo de apresentar, mas essenciais no modo de ser.

*Pe. Darci Luiz Marin é presbítero da Congregação dos Paulinos. Mestre em Teologia Moral (pela Academia Alfonsiana de Roma) e coordenador de conteúdos dos periódicos da Paulus Editora.

Introdução

Para que uma ética seja cristã, necessita ir à fonte, que é Jesus. Pelos relatos neotestamentários e pelo testemunho da Igreja, constata-se que a ética de Jesus se pautava na defesa da vida digna e da liberdade de todos os seres humanos. Jesus dedicava especial atenção e tempo aos pequeninos, aos caídos à beira do caminho, aos que não tinham voz nem vez na sociedade do seu tempo.



Jesus sempre surpreendia: “Quando chegou o sábado, começou a ensinar na sinagoga. Muitos que o escutavam ficavam admirados e diziam: ‘De onde vem tudo isso? Onde foi que arranhou tanta sabedoria? E esses milagres que são realizados pelas mãos dele? Esse homem não é o carpinteiro, o filho de Maria?’ [...] E ficaram escandalizados por causa de Jesus” (Mt 13,53-57).

Jesus fez ver que a religião, a política e a economia do seu tempo não eram capazes de suscitar dignidade para todos. Seu olhar e sua atenção privilegiada voltavam-se para os preteridos pelas instituições oficiais.

Ser cristão implica praticar a ética ensinada e testemunhá-la por Jesus. É isso que vem ocorrendo hoje?

Ainda que não nos seja possível resolver todos os problemas do mundo, a (não)vida do outro deveria tocar a nossa vida. Sempre há condição de ser presença para o outro. Quem age assim faz que o mundo seja melhor. O compromisso com o próximo necessitado é razão de ser de quem defende a ética cristã.

Enquanto estivermos voltados para nós mesmos, seremos sacerdotes e levitas, no máximo pessoas cumpridoras do dever que, porém, passam longe do outro necessitado – identificado com Cristo (Lc 10,29-37). Quem abraça a ética de Jesus se volta necessariamente para fora: “quando foi que te vimos com fome e sede?” (Mt 25,38s). “Todas as vezes que fizestes isso a um de meus irmãos mais pequenos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40).

Nosso tempo é fortemente marcado pelo narcisismo autorreferencial, oposto à alteridade. Propagar o valor do dom e do serviço, eis o desafio de quem crê na ética de Jesus!

1. Pontos de destaque da ética de Jesus

Jesus causava inquietação por onde passava. Era sinal de contradição: felizes os po-

bres, os que agora têm fome; os que agora choram; os que são odiados, insultados e amaldiçoados por causa do Filho do homem... (Lc 6,21s).

O apóstolo Paulo expressou em profundidade esse sinal de contradição ao bendizer a Deus, afirmando: “Bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação! Ele nos consola em todas as nossas tribulações, *para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação, através da consolação que nós mesmos recebemos de Deus*” (2Cor 1,3ss).

São João Crisóstomo é, igualmente, incisivo na defesa da coerência entre a vida prática e as celebrações dos cristãos: “Não era de prata aquela mesa, nem de ouro o cálice com o qual Cristo deu seu sangue aos discípulos. [...] Queres honrar o corpo de Cristo? Não permitas que ele esteja nu: e não o honres aqui, na igreja, com tecidos de seda, para depois tolerar, fora daqui, que ele morra de frio e nudez. Aquele que disse: ‘Isto é o meu corpo’, disse também: ‘Tive fome e não me destes de comer’; e: ‘O que deixastes de fazer a um destes pequeninos, o deixastes de fazer a mim’. Aprendamos, portanto, a ser sábios e a honrar o Cristo como ele quer, gastando as riquezas pelos pobres. Deus não precisa de cabedais de ouro, mas de almas de ouro. Que vantagem há em que sua mesa esteja cheia de cálices de ouro, quando ele mesmo morre de fome? Primeiro ele mesmo, o faminto, se sacia, e então, com o supérfluo, ornarás sua mesa!”¹

Os apóstolos e os Padres da Igreja são excelentes mestres em interpretar e ensinar a ética de Jesus. Beber desse poço é saudável para a vida cristã.

¹ Disponível em: <<https://tarcisiosilva680.wordpress.com/2013/05/29/ensinamentos-de-joao-crisostomo-%E2%80%A0407/>>. Acesso em: 14 nov. 2017.



A ética de Jesus propõe a generosidade como pauta de vida: “ninguém tem maior amor do que quem dá a vida” (Jo 15,13). A essência da proposta de Jesus é o amor! As primeiras comunidades cristãs compreenderam perfeitamente isso até mesmo na vida do dia a dia: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava propriedade particular as coisas que possuía, mas tudo era posto em comum entre eles” (At 4,3).

2. Insistências éticas do papa Francisco à luz da ética de Jesus

Em 2013 a Igreja foi surpreendida pelo sopro vivificador – não sempre e por todos logo reconhecido – do Espírito Santo com a chegada de um papa “vindo de longe”: Francisco. A ética de Jesus vem sendo insistentemente lembrada em palavras e ações por este papa.

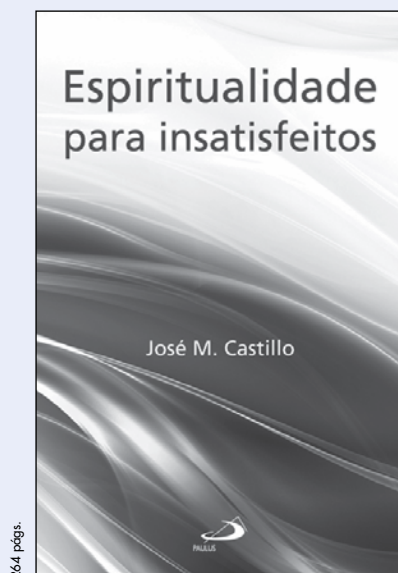
“Jesus, o evangelizador por excelência e o Evangelho em pessoa, identificou-se especialmente com os mais pequeninos (Mt 25,40). Isso recorda-nos, a todos os cristãos, que somos chamados a cuidar dos mais frágeis da terra. Mas, no modelo ‘do êxito’ e ‘individualista’ em vigor, parece que não faz sentido investir para que os lentos, fracos ou menos dotados possam também singrar na vida” (EG 209).

À nossa volta não têm faltado iniciativas nos campos social, político e econômico para aprofundar o quadro de marginalização. Em nome da “ética”, subterfúgios têm sido praticados para fazer valer ações marginalizadoras de contingentes enormes da população. O alerta do papa Francisco chega em muito boa hora, também ao propor um dia do ano a todas as pessoas de boa vontade para refletirem sobre a ética do evangelho na defesa efetiva dos pobres. Em sua mensagem (n. 5) para o Primeiro Dia Mundial dos Pobres, celebrado em 19/11/2017, lê-se:

Sabemos a grande dificuldade que há, no mundo contemporâneo, para se poder identificar claramente a pobreza. E todavia

Espiritualidade para insatisfeitos

José M. Castillo



264 págs.

Nos dias atuais, quando as religiões se veem questionadas por sérios motivos e sob diversos pontos de vista, a espiritualidade ganha força. Um dos problemas apontados neste livro é que, em muitos ambientes, a espiritualidade é relacionada àquilo que nos afasta da vida e do mundo. A obra apresenta o significado e a forma de viver uma espiritualidade correta, que não renuncie à nossa condição de cidadãos do mundo nem à necessidade de sermos felizes.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



esta interpela-nos todos os dias com os seus inúmeros rostos vinculados pelo sofrimento, a marginalização, a opressão, a violência, as torturas e a prisão, pela guerra, a privação da liberdade e da dignidade, pela ignorância e o analfabetismo, pela emergência sanitária e a falta de trabalho, pelo tráfico de pessoas e a escravidão, pelo exílio e a miséria, pela migração forçada. A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro. Como é impiedoso e nunca completo o elenco que se é constrangido a elaborar à vista da pobreza, fruto da injustiça social, da miséria moral, da avidez de poucos e da indiferença generalizada!

Infelizmente, nos nossos dias, enquanto sobressai cada vez mais a riqueza descarada que se acumula nas mãos de poucos privilegiados, frequentemente acompanhada pela ilegalidade e a exploração ofensiva da dignidade humana, causa escândalo a extensão da pobreza a grandes setores da sociedade no mundo inteiro. Perante este cenário, não se pode permanecer inerte e, menos ainda, resignado. À pobreza que inibe o espírito de iniciativa de tantos jovens, impedindo-os de encontrar um trabalho, à pobreza que anestesia o sentido de responsabilidade, induzindo a preferir a abdicação e a busca de favoritismos, à pobreza que envenena os poços da participação e restringe os espaços do profissionalismo, humilhando assim o mérito de quem trabalha e produz: a tudo isso é preciso responder com uma nova visão da vida e da sociedade.

**“Em tempos
mais recentes,
à falta de ética
de uns soma-se
o fingimento
oportunista
de outros,
reverberado pelos
grandes meios de
comunicação”**

3. O essencial e o porquê de ser tão difícil praticar a ética de Jesus

Jesus causava inquietação por onde passava. A tendência do ser humano é lutar para conquistar posições para si, pouco lhe importando o que se passa com os outros. Nesse trajeto, os mais capazes, os mais competentes, os mais espertos reservam seu lugar ao sol. Quanto aos demais, constroem-se muros, para deixá-los do outro lado, ou fica-se na indiferença. Na época de Jesus, o império romano havia estendido tentáculos mundo afora; enquanto alguns viviam muito bem, a grande maioria passava necessidades. Jesus, anunciando o reino de Deus, traz inquietação aos que usufruem desse tipo de situação.

No reino de Deus, anunciando por Jesus, há lugar para todos – a começar pelos mais fragilizados. A condição para fazer parte desse reino é estar disposto a ser dom para os outros.

Jesus é e ensina a ser sinal de contradição. A ética por ele defendida – que ajuda a iniciar a concretização, já agora, do reino de Deus – sustenta princípios de *justiça* que atendam às necessidades concretas das pessoas. Não é uma moral que defende a justiça retributiva, mas a justiça equitativa. Não a cada um segundo o tempo de seu trabalho, mas a cada um segundo o atendimento de suas necessidades. Mateus 20,1-16 é lapidar: os trabalhadores recebem (todos) o mesmo salário, suficiente para atender às necessidades de cada um.

Outra viga mestra que sustenta a ética de Jesus é a *compaixão*. Na parábola do Pai amoroso, vê-se com nitidez isso: “O pai disse (ao filho mais velho): ‘Filho, você está sempre comigo, e tudo o que é meu é seu. Mas era preciso festejar e nos alegrar, porque esse seu irmão estava morto, e tornou a viver; estava perdido, e foi encontrado’” (Lc 15,31s).



Para Jesus é a *misericórdia* que conta. A parábola do bom samaritano traduz com perfeição essa proposta. Os personagens que vão se sucedendo ao longo da narrativa de Lc 10,30-37 têm estas atitudes éticas: assaltantes – o que é teu é meu; sacerdote e levita – o que é meu é meu; samaritano (estrangeiro) – o que é meu é teu também. O ensinamento que emana dessa parábola ressalta que o amor é prática concreta.

Nosso tempo é marcado por uma sociedade líquida e defensora de comportamentos leves e superficiais, na qual o pensamento é débil. Somos continuamente bombardeados por um modo de ser hedonista. Necessitamos de permanentes novidades, alimentadas pela publicidade. O modo de vida pautado em fundamentos que exigem fidelidade ao longo do tempo é questionado pela velocidade da contínua mudança de (des)valores.

Prega-se a ética para fora, enquanto na vida privada há hedonismo a comandar as ações. As belas teorias não correspondem às práticas de quem as enuncia. Exige-se com facilidade o bom comportamento alheio, sem a preocupação de vivenciar antes, pessoalmente, o que se requer dos outros.

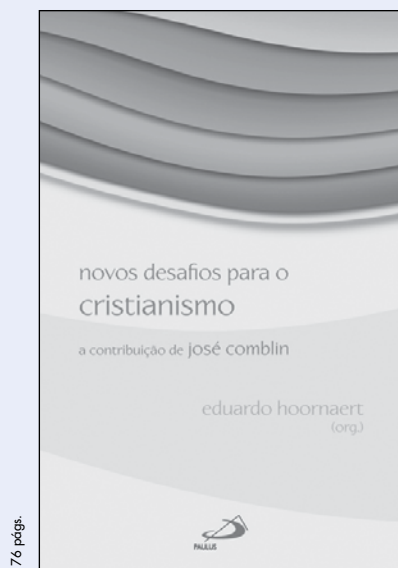
Em tempos mais recentes, à falta de ética de uns soma-se o fingimento oportunista de outros, reverberado pelos grandes meios de comunicação, o que leva ao agravamento da situação de grandes contingentes da população. Propaga-se destemidamente a importância de ser gestor eficiente em vez da defesa do exercício do serviço generoso, no atendimento às necessidades básicas das pessoas, por parte de quem governa.

A lei que prega o “levar vantagem em tudo” tem feito largo caminho, passando a integrar o dia a dia da maior parte das pessoas. No dizer do papa Francisco: “Quando as pessoas se tornam autorreferenciais e se isolam na própria consciência, aumentam a sua voracidade” (LS 204).

Novos desafios para o cristianismo

A contribuição de José Comblin

Eduardo Hooimaert (org.)



176 págs.

Esta coletânea comporta oito trabalhos de teólogos e biblistas, em sua maioria da nova geração, que iluminam diversos aspectos da teologia e da ação de José Comblin, tendo sempre em vista os novos desafios para o cristianismo. Leitura para conhecer melhor a contribuição do grande teólogo que foi Comblin, falecido no final de março de 2011.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



A história da humanidade registra esse tipo de comportamento já em tempos bem distantes do nosso. Veja-se, por exemplo, a passagem da vinha de Nabot (1Rs 21,1-16), traduzindo a ganância que produz injustiça.

A tão propalada meritocracia legitima a moral da desigualdade. A lógica do evangelho é a da vida para todos – e não apenas para os que acham ter mais méritos. A ótica do filho mais velho, da parábola há pouco lembrada, é a do mérito: “Eu trabalho para ti há tantos anos, jamais desobedeci a qualquer ordem tua; e nunca me destes um cabrito para eu festejar com meus amigos” (Lc 15,29). Ele despreza o irmão mais novo por considerá-lo fracassado e por ter merecido o que lhe aconteceu. O pai apresentado nessa parábola, ao contrário, defende que *nenhum* de seus filhos é passível de desconsideração, seja qual for seu passado. A ética de Jesus desperta a alegria em todos os que estavam perdidos e foram reencontrados.

Em tempos de valorização do vazio, do efêmero e da leveza superficial – temas tão bem estudados na obra de Gilles Lipovetsky

–, o que se tem como ético facilmente transforma-se em bolha de sabão. Decisões duras e exigentes são logo preteridas.

Hoje há a tendência de valorizar comportamentos mercantilizadores da vida. A conversa regeneradora em casa acaba sendo substituída pela ida ao psicólogo, a caminhada diária para a manutenção da saúde é, não raro, trocada pela academia – ao menos para os que têm condições financeiras. Da gratuidade passou-se ao que é pago! Nesse caminho, a ética do evangelho acaba tendo grandes obstáculos diante de si.

Alguém poderia pensar: mas, então, quem consegue viver esse tipo de ética proposta por Jesus?

Felizmente há os que creem ser possível e, malgrado as dificuldades, dedicam-se a cultivar valores que ajudam a construir esse caminho. Afinal, Jesus deu o exemplo e convidou os que desejam segui-lo a fazer o mesmo, prometendo-lhes assistência: “Ide e ensinai a observar tudo o que vos ordenei. Eis que eu estarei convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20). ●



Fé e viagens no mundo globalizado

Joerg Rieger

Neste estudo atraente e acessível, o autor analisa a viagem como um conceito central para a fé cristã, baseando-se numa rica variedade de narrativas. Suas reflexões históricas e teológicas oferecem caminhos pelos quais as viagens podem gerar novos encontros com o sentido e, finalmente, com o divino.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



Pastoral em tempo de crise

Paulo Sérgio Bezerra*

“Às vezes interrogo-me sobre quais são as pessoas que, no mundo atual, se preocupam realmente mais com gerar processos que construam um povo do que com obter resultados imediatos que produzam ganhos políticos fáceis, rápidos e efêmeros, mas que não constroem a plenitude humana” (papa Francisco, 2013, EG 224).

* Pe. Paulo Sérgio Bezerra, presbítero da Diocese de São Miguel Paulista e pároco da Igreja de Nossa Senhora do Carmo em Itaquera, São Paulo (SP), é membro da equipe de articulação e coordenação do Coletivo IPDM (Igreja – Povo de Deus – em Movimento).
E-mail: pe.paulob@terra.com.br

Introdução

“Limite” talvez seja o conceito trágico a expressar a atual realidade global da família humana, uma vez que:

– sistemas econômicos e políticos não resolvem as demandas básicas de trabalho, saúde, educação, habitação e alimentação. No Brasil, o “banditismo oficial e o das quadrilhas do tráfico armado” (CHICO ALENCAR, 2017) impõem limites à democracia e geram o sentimento antipolítico nas grandes massas. “A (falta de) ‘autoridade moral’ dos ladrões de gravata e capital (alguns, enfim, se dando mal!) e dos chefões do varejo das drogas ilícitas se equivale” (CHICO ALENCAR, 2017). O papa Francisco denuncia que “a ambição do poder e do ter não conhece limites” e corajosamente brada: “esta economia mata” (EG 53; 56). Chegamos ao limite da democracia representativa no Brasil;

– o “Grito da Mãe Terra”, ferida de morte pela avidez destruidora de todos os recursos naturais, não é suficientemente levado a sério, em que pesem as advertências das inú-



meras conferências mundiais do clima. No Brasil foram realizadas sete Campanhas da Fraternidade sobre a “crise ecológica” e suas interpelações socioambientais. Chegamos ao limite das capacidades de regeneração globalizada do meio ambiente;

– a crise migratória planetária sem precedentes desafia os assombros xenófobos de países abastados, cuja ação colonizadora ainda se impõe de forma violenta e depredadora. Chegamos ao limite da geopolítica como alternativa para a paz mundial;

– fundamentalismos religiosos impõem o pensamento único da salvação dos bons e da condenação dos maus. Determinam o agir moral nas sociedades. Caminhamos para o limite da liberdade de consciência sob a estratégica manipulação religiosa mantenedora dos interesses de poderosos grupos econômicos.

Quando a Pastoral, em tempo de crise, sucumbe à imposição dos limites, torna-se, ela mesma, o limite estéril de toda possível ação evangelizadora.

1. A crise desperta a profecia

A Pastoral é a ação evangelizadora organizada e a expressão do ser e do agir da Igreja como povo de Deus nascido das águas batismais para ser “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14). O Espírito Santo é a sua fonte regeneradora porque ele é o protagonista da evangelização. A Pastoral se destina a fazer emergir o reino de Deus das entranhas da história. A Pastoral, portanto, tem de “situar-se dentro do mundo”. O teólogo Agenor Brighenti faz a provocação: “Não basta à Igreja situar-se ‘dentro do mundo’. Dadas as contradições e disparidades que ferem a dignidade da pessoa humana e seu povo, é preciso perguntar-se ‘dentro de que mundo’ a Igreja

deve estar para ser uma Igreja de todos” (2006, p. 10). A Pastoral em tempo de crise reconhece o tempo da crise como um *kairós*, isto é, como um “tempo favorável” de salvação. Abraça a crise como desafio e, a partir dela, tece sua ação evangelizadora.

“Vivemos uma mudança de época” (CELAM, 2007, n. 44), prenhe de temores e possibilidades. Na Igreja, com a eleição do cardeal argentino Mario Jorge Bergoglio, o papa Francisco, vivemos um *kairós*. Francisco introduz a Igreja, radicalmente, na “mudança de época” pelo seu testemunho pessoal de cristão-bispo e por meio de uma linguagem e de gestos que provocam simpatia/adesão e temor/reação.

Ousadamente se poderia dizer: as palavras e gestos do papa Francisco são verdadeiras encíclicas, elaboradas no encontro com as pessoas, sob a permanente assistência do Espírito Santo:

Penso, aliás, que não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo. Não convém que o papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios. Neste sentido, sinto a necessidade de proceder a uma salutar “descentralização” (EG 16).

Em 2007, o *Documento de Aparecida* reivindicava, de toda a Igreja na América Latina e no Caribe, “uma valente ação renovadora das Paróquias” (CELAM, 2007, n. 170). Se há dez anos este chamado permanecera em *stand by*, na Igreja de Francisco, também por exigências limítrofes do contexto da conjuntura nacional e internacional, tal apelo se tor-

**“A Pastoral
é a ação
evangelizadora
organizada e a
expressão do
ser e do agir da
Igreja como povo
de Deus nascido
das águas
batismais”**

na ultimato. Talvez o limite da possibilidade de relevância da Igreja para o mundo ocidental e oriental esteja na atitude de adesão ou rejeição diante das ousadas propostas pastorais do papa Francisco. Ele próprio diz:

Não ignoro que hoje os documentos não suscitam o mesmo interesse que noutras épocas, acabando rapidamente esquecidos. Apesar disso sublinho que aquilo que pretendo deixar expresso aqui possui um significado programático e tem consequências importantes. Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar com os meios necessários para avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão (EG 25).

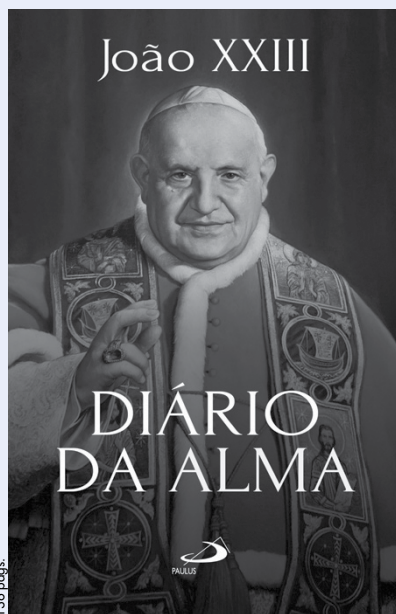
Os cristãos católicos, leigos e hierarquia, estão à altura dos desafios propostos pelo papa?

As duas exortações apostólicas pós-sinodais do papa Francisco foram intituladas com o mesmo substantivo: *A ALEGRIA do Evangelho* (2013) e *A ALEGRIA do Amor* (2016). Nelas, o bispo de Roma trata, com ousadia e liberdade, de duas realidades em crise: a eclesiologia e a família. Em sentido mais amplo: a realidade da Igreja situada no mundo contemporâneo e a realidade do amor humano nesta “mudança de época”. Duas belas roseiras cheias de espinhos, de onde o papa é capaz de colher, tocado pela alegria da Páscoa, as perfumadas rosas de uma primavera anunciada. O papa é explícito: “a alegria do Evangelho é tal que nada nem ninguém poderá tirá-la de nós (cf. Jo 16,22). Os males do nosso mundo – e os da Igreja – não deveriam servir como desculpa para reduzir a nossa entrega e o nosso ardor. Vejamo-los como desafios para crescer” (EG 84).

Assim como o papa são João XXIII, há 50 anos, no discurso de abertura do Concí-

Diário da alma

João XXIII



O *Diário da alma*, escrito por Angelo Roncalli, que em 1958 se tornou papa João XXIII, e publicado após a sua morte, é um diário espiritual íntimo que está nas origens das meditações feitas em seus retiros. De extrema simplicidade, é o itinerário de uma vida cristã serenamente radicada na Bíblia e numa espiritualidade sacerdotal em que a preocupação principal é o Evangelho vivido.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



lio Ecumênico Vaticano II, constatava a existência e discordava “dos profetas das desgraças, que só anunciam infortúnios, como se estivesse iminente o fim do mundo” (JOÃO XXIII, 1962), assim também o papa Francisco convoca a Igreja a não se deixar abater pela crise enquanto limitação da missão eclesial.

A crise pode se tornar profecia. E a profecia, vencer a crise!

2. Variações do tempo na caminhada da Igreja

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), convocado pelo papa são João XXIII, foi chamado de “primavera da Igreja”. No discurso inaugural, a 11 de outubro de 1962, afirmando que o principal objetivo do “trabalho conciliar não é o de discutir princípios doutrinários”, João XXIII usava a expressão “razões pastorais” como motivação da sua convocação.

Em 1968, realizou-se a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano na cidade de Medellín, Colômbia. Na introdução os bispos afirmavam: “A Igreja latino-americana, reunida na II Conferência Geral de seu Episcopado, situou no centro de sua atenção o homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico” (CELAM, 1968). O Concílio Vaticano II ganha rosto e expressão latino-americanos. Desencadeou-se um processo radicalmente novo de participação do povo de Deus na ação evangelizadora por meio da elaboração de planos pastorais nacionais, diocesanos e paroquiais. Consumou-se a descentralização da igreja-matriz em pequenas comunidades, denominadas CEBs – comunidades eclesiais de base. Bispos, padres e religiosas se empenharam em estar junto com o povo, convencidos da opção preferencial pelos pobres. O anúncio do reino de Deus ganhou centralidade, sendo assumido por meio da leitura popular da Bíblia e da in-

serção nas lutas populares de transformação da realidade. O povo católico, num doloroso e promissor parto, era formado para ser agente da evangelização.

As duas Conferências do Episcopado Latino-Americano e Caribenho que se seguiram à de Medellín – Puebla (México), em 1969, e

Santo Domingo (República Dominicana), em 1992 – aconteceram sob descomunal vigilância da Cúria romana, durante o pontificado do papa são João Paulo II. Tentou-se dar alguma continuidade à caminhada da Igreja conciliar e de Medellín por meio das propostas pastorais de “comunhão e participação” (Puebla); “protagonismo dos leigos” e “inculturação da fé” (Santo Domingo).

A CNBB dinamizava as Igrejas particulares. Viveu-se, de forma orgânica, a experiência de uma Igreja “comunhão e participação”, que se punha inteiramente ao lado e a serviço dos empobrecidos. Em meio às perseguições eclesiásticas, promovidas sobretudo pela ditadura civil-militar, emergia uma Igreja martirial, sustentada pelo testemunho das testemunhas. A Pastoral, em chave transformadora na articulação entre “fé e política”, punha seus recursos humanos e financeiros a serviço dos sem voz e sem vez. A crise não era da Pastoral, mas dos poderes opressores, eclesiásticos e civis. A Pastoral inaugurava um “novo jeito de ser Igreja” e, pretensiosamente, apontava para “um novo jeito de a Igreja ser”. Mas o inverno rigoroso chegou.

O pontificado de são João Paulo II (de 16 de outubro de 1978 a 8 de abril de 2005) “até hoje é entendido pela opinião pública como o governo de um homem que levou ao extremo a sua missão de conduzir a Igreja de Cristo” (LOPES, 2017). Sua última aparição pública é a de um mártir em agonia. *Santo subito* – “santo já” –, bradava a multidão de 4 mi-

**“Os males do
nosso mundo
não deveriam
servir como
desculpa para
reduzir a nossa
entrega e o
nosso ardor”**



lhões de pessoas presentes em seu funeral, em Roma. Não se negam suas virtudes. Porém “há um lado que ficou escondido, distante dos olhos da imensa maioria das pessoas: foram anos de punições, medo e até terror no interior da Igreja; contra bispos, padres, freiras e leigos ligados à Teologia de Libertação ou simplesmente adeptos do Concílio Vaticano II” (LOPES, 2017).

O gelo eclesialístico fez-se sentir por toda parte. Desde o estabelecimento da política de nomeações de bispos conservadores ao desmonte da colegialidade das conferências episcopais. Imposição de um modelo de formação presbiteral cultural e jurídico. Interferências da Cúria romana nas conferências episcopais em questões teológicas, litúrgicas, morais, exegéticas e pastorais. Fortalecimento da pessoa do papa como o bispo que fala ao mundo, em detrimento da colegialidade episcopal no governo das Igrejas. Desvalorização dos planos de pastoral pela preferência e anúncio de temáticas anuais. Censura a teólogos e teólogas sob rigorosa vigilância da Congregação da Doutrina da Fé. Romanização da liturgia, submetida ao julgamento da Congregação para o Culto Divino, e desconfiança de qualquer tentativa de inculturação litúrgica. O evangelho das bem-aventuranças foi substituído pelo Direito Canônico – então “lei magna da Igreja”.

A Igreja do retorno à “grande disciplina”, num conservadorismo teológico obstinado e dogmático, desconfiado e agressivo com qualquer pensamento e prática progressista, reencontrou, na trincheira do clericalismo e do carreirismo, seu lugar de defesa e ataque. Nesse sentido, os seminários tornaram-se o “cavalo de Troia” de onde saíam (saem) os exércitos ordenados para restauração da ordem eclesialística: uma Igreja de clérigos e leigos... Significativo número de presbíteros ordenados na era Wojtyla/Ratzinger, quando nomeados párocos, destituem conselhos, equipes pastorais e ministros; perseguem leigos engajados, apelidados de “cobras cria-

das”; centralizam todos os serviços na matriz; as comunidades (quando existem) voltam ao estado pré-conciliar de “capelas” para desobriga de serviços sacramentais. O passado não importa, pois agora tem início a construção da verdadeira identidade da Igreja Católica. Dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo emérito de Blumenau (SC), quando auxiliar da Arquidiocese de São Paulo (1975-2000) e vigário-geral da então Região Episcopal São Miguel, ao dar posse a novos párocos, dizia: “Meu irmão, lembre-se que Anchieta passou por aqui antes de você...” A Igreja da “noite escura” abomina a memória histórica!

Os trinta e cinco anos de Wojtyla/Ratzinger deixaram a Igreja em frangalhos, a ponto de um colégio de cardeais nomeado integralmente por ambos, de perfil conservador, ter se dado conta de que a crise chegara ao limite, ameaçando a própria existência da instituição, e decidido eleger em 2013 o argentino Jorge Mario Bergoglio como novo papa: Francisco. Depois de vinte e seis anos de João Paulo II e mais nove de Bento XVI, a muitos a primavera parecia impossível. Mas aconteceu (LOPES, 2017).

3. Um estudo de caso: Igreja – Povo de Deus – em Movimento (IPDM)

Em 2010, depois de 20 anos da elevação da antiga Região Episcopal São Miguel Paulista, na zona leste de São Paulo, ao estatuto de Diocese de São Miguel Paulista (15 de março de 1989), quatro párocos, uma religiosa e uns 15 leigos desta diocese, no intuito de “revisitar” o Vaticano II e “resgatar” suas propostas pastorais e eclesiais diante dos desafios da atual mudança de época, articularam-se no que denominaram de IPDM: “Igreja – Povo de Deus – em Movimento”, a tentativa de uma pastoral de conjunto em suplência ao desaparecimento efetivo de orga-



nismos diocesanos deixados à míngua pela opção de uma eclesiologia clerical. Já não era possível continuar assistindo à destruição das conquistas do Concílio Vaticano II e ficar resmungando por sua perda.

IPDM é uma “inspiração”, em face da estagnação eclesial do final dos anos 80 até, pelo menos, a eleição do papa Francisco. É uma “aspiração” de reconquista dos avanços pastorais conciliares. É uma “provocação” à inércia e encolhimento dos cristãos diante dos desafios expostos em sangria pela sociedade da exclusão e da desigualdade social. É uma “espiritualidade” que questiona a fé dissociada do compromisso social e desfocada da encarnação do Verbo.

IPDM, depois de sete anos, foi reconhecido como um “coletivo”, à semelhança de inúmeros outros comprometidos na luta contra o “golpe parlamentar” de 2016, que derrubou a presidente Dilma e empurra o Brasil a um atoleiro sem precedentes em sua história. IPDM é um “pouco de fermento” do evangelho; tende a perder-se na massa toda levedada. IPDM é uma proposta de rearticulação da pastoral de conjunto à luz do *Documento de Aparecida*, cuja convocação se traduz na necessidade de uma “Igreja em permanente estado de missão”. IPDM busca reinventar “estratégias” para “articular” renovada, fecundante, transformadora, profética e comprometida ação pastoral no serviço ao reino de Deus, com base na realidade de cada paróquia que compõe esse coletivo.

4. As exigências da ação evangelizadora

O horizonte da ação pastoral é o reino de Deus. O apelo do papa Francisco para que a Igreja deixe de ser “autorreferenciada” e se torne uma “Igreja em saída” é insistência constante. O apelo existe porque a realidade insiste. O

reino de Deus “não só descentra a Igreja de si mesma, como a situa de modo diferente no mundo e reivindica uma nova teologia da ação evangelizadora, diante da concepção tradicional de missão” (BRIGHENTI, 2006, p. 11).

A cada quatro anos, a CNBB publica as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, para que as dioceses elaborem seus planos de pastoral. O documento 54, *Diretrizes Gerais para o Quadriênio 1995-1998*, apresenta as quatro exigências intrínsecas da evangelização: o serviço, o diálogo, o anúncio e o testemunho de comunhão. O assumir dessas exigências possibilita o emergir de uma “Igreja em saída”.

O serviço é exigência samaritana. O papa Francisco denuncia a “cultura da indiferença” e proclama a “cultura do encontro”. Serviço tanto como assistência emergencial de prestação de socorro ao indivíduo machucado quanto, e sobretudo, presença ativa nos movimentos de transformação social. Em tempos idos, era comum encontrar agentes pastorais – bispos, padres, religiosos e leigos engajados – nas manifestações de rua, nas ocupações de terra e nas ações reivindicatórias. Hoje, na maior cidade do país, onde dia após dia acontecem manifestações e ocupações dos sem-teto, raramente se vê algum agente pastoral. Se há um movimento popular e organizado, de expressiva atuação urbana no Brasil, é o MTST. Na prática das ocupações, nas assembleias dos acampamentos e nas reuniões de formação das lideranças, o povo toma consciência de sua dignidade aviltada e encontra as razões das suas lutas. Atabalhoadas com suas rotineiras preocupações, as paróquias, em geral, resistem a ouvir o “grito dos excluídos” e, desconfiadas da “legitimidade” das suas ações, mantêm-se presencialmente a distância, quando não as condenam.

O diálogo é exigência evangélica que, na cultura pluralista contemporânea, se torna im-

**“O diálogo
é exigência
evangélica
que, na cultura
pluralista
contemporânea,
se torna
imprescindível”**

prescindível. O pluralismo é o novo paradigma do encontro cultural-antropológico e sociorreligioso. Onde qualquer tentativa de hegemonia se impõe, o encontro está fadado ao fracasso. Consta-se um preconceituoso e defensivo fechamento eclesial às novas pautas do mundo contemporâneo: questões de gênero e sexualidade, fundamentalismo religioso, laicidade do Estado, diálogo ecumênico, fé e política, teologia feminista, fé e razão etc.

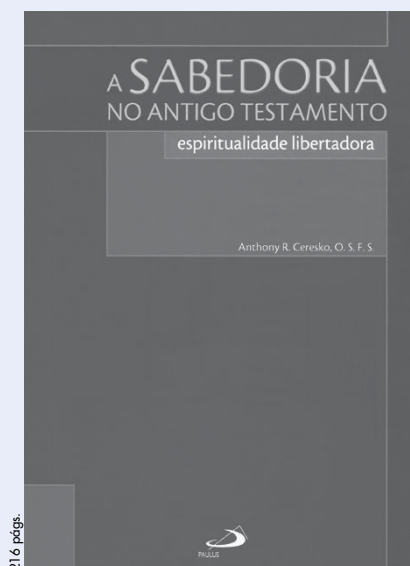
O anúncio se origina do núcleo fundamental do evangelho: “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado”. O papa Francisco retoma o objetivo da convocação do Concílio Vaticano II: “a Igreja, no passado, sempre se opôs aos erros e os condenou com grande severidade. [...] Em face das necessidades atuais, julga mais conveniente elucidar melhor sua doutrina do que condenar os que dela se afastam” (JOÃO XXIII, 1962). Entre tantos pronunciamentos e entrevistas do atual bispo de Roma, o mundo jamais se esquecerá de sua resposta a um jornalista, quando indagado sobre *lobby gay* no Vaticano, durante o voo de volta do Rio de Janeiro a Roma, em 29 de julho de 2013: “Se uma pessoa é *gay* e procura Deus e tem boa vontade, quem sou eu, por caridade, para julgá-la?” Francisco leva à prática pastoral as decisões conciliares:

Cada verdade entende-se melhor se a colocarmos em relação com a totalidade harmoniosa da mensagem cristã. [...] Quando a pregação é fiel ao Evangelho, manifesta-se com clareza a centralidade de algumas verdades e fica claro que a pregação moral cristã não é uma ética estoica, é mais do que uma ascese, não é uma mera filosofia prática e nem um catálogo de pecados e erros. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos (EG 39).

A sabedoria no Antigo Testamento

Espiritualidade libertadora

Anthony R. Ceresko, O.S.F.S.



Este é um livro que ajuda a entender melhor a literatura sapiencial do Antigo Testamento. Para tanto, o autor apresenta o livro dos Provérbios, Jó, Eclesiastes, Eclesiástico e o livro da Sabedoria. A obra oferece uma visão geral dos temas, da estrutura e do contexto histórico dessa literatura, bem como um estudo minucioso de passagens significativas de cada livro sapiencial.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



O testemunho de comunhão inexistia se a Pastoral não for uma “pastoral de conjunto” – ação de todo o corpo eclesial. Uma Igreja testemunha comunhão quando cerca de cuidados e valoriza as seguintes realidades: os conselhos pastorais (diocesanos, paroquiais e comunitários); a coordenação paroquial de pastoral; as assembleias pastorais; as escolhas de prioridades pastorais; as análises de conjuntura política e eclesial; os serviços, os carismas e os diversos ministérios; as equipes pastorais e suas coordenações; a formação de agentes pastorais leigos; a liturgia participativa e inculturada; a evangélica partilha dos recursos econômicos; a efetiva opção preferencial pelos pobres, expressa na participação de suas lutas e organizações.

5. Opção pastoral

Um grupo religioso (ou outro qualquer) inserido na realidade humana nunca é neutro nas opções que faz na “disputa do pensamento” em relação ao seu projeto de evangelização. “Disputa do pensamento” tornou-se expressão de atualíssima relevância numa sociedade como a brasileira, polarizada entre os que vestem a camisa “verde-amarela” e os que vestem a camisa “vermelha”. Reduzidas à bipolaridade raivosa, as massas se definem antipolíticas. Os poderosos grupos econômicos, que sempre dominaram a política (malgrado as irrupções da corrupção), empunham as bandeiras da pseudoneutralidade ideológica de uma “Escola sem Partido”, da moral guardião da família e da criminalização dos movimentos populares, numa estratégica forma de manter a dominação.

A opção pastoral de uma Igreja comprometida com os pobres não tergiversa no anúncio e no testemunho do Nazareno crucificado e ressuscitado. Não busca simples-

mente “disputar o pensamento” das massas. Antes, visa formar um povo consciente das opções de Jesus em vista da construção do reino de Deus.

A Pastoral em tempo de crise prioriza seu temário e seus assessores. Assim procedeu o coletivo IPDM desde o início de sua caminhada em 2010 até hoje, em encontros gerais de formação, no intuito de revisitar o Vaticano II e resgatar suas propostas pastorais e eclesiais diante dos desafios da atual “mudança de época”.

IPDM – encontros gerais: temário e assessores

– *Novembro/2010*: “O Documento de Aparecida na ótica de dom Angélico Sândalo Bernardino”. Assessor: dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo emérito de Blumenau. Participantes: cerca de 600 pessoas.

– *Maio/2011*: Tema: “A Igreja nas grandes cidades: desafios, impasses, perspectivas”. Assessor: Frei Betto, op. Participantes: cerca de 800 pessoas.

– *Julho/2011*: Celebração de São Tomás Morus – Mesa redonda: “A reforma política”. Assessores: dom Angélico Sândalo Bernardino; Luiza Erundina, deputada federal (PSOL); Dra. Maristela Bernardo, jornalista e socióloga; Paulo Teixeira, deputado federal (PT); Eduardo Jorge, secretário municipal do Verde (São Paulo) e Plínio de Arruda Sampaio, deputado federal (PSOL). Participantes: cerca de 350 pessoas.

– *Novembro/2011*: “Conjuntura eclesial”. Assessor: Pe. Dr. Antônio Manzatto, teólogo. Participantes: cerca de 350 pessoas.

– *Março/2012*: “Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais”. Assessor: Dr. Fernando Altemeyer Júnior, teólogo (PUC-SP). Participantes: cerca de 300 pessoas.

– *Maio/2012*: “O Jesus da História: seu seguimento e o Reino”. Assessor: Pe. Dr. Bene-

“A opção pastoral de uma Igreja comprometida com os pobres não tergiversa no anúncio e no testemunho do Nazareno crucificado e ressuscitado”

dito Ferraro, teólogo. Participantes: cerca de 360 pessoas.

– *Novembro/2012*: “Vaticano II – 50 anos: da Igreja que temos para a Igreja que queremos”. Assessor: Pe. Dr. João Batista Libânio, sj, teólogo (PUC Minas). Participantes: cerca de 530 pessoas.

– *Março/2013*: “Construir as forças vivas de uma nova sociedade – o mundo da política e da economia: justiça, solidariedade e ecologia”. Assessor: Dr. Leonardo Boff, filósofo e teólogo. Participantes: cerca de 1.300 pessoas.

– *Abril/2013*: “Igreja colegiada: grupos de rua e ministérios”. Lançamento do livro: *Dom Angélico Sândalo Bernardino – bispo profeta dos pobres e da justiça*. Assessor: Pe. Manoel José de Godoy, teólogo. Participação de dom Angélico Sândalo Bernardino e de dom Antônio Celso de Queiroz. Participantes: cerca de 350 pessoas.

– *Novembro/2013*: “Pentecostalismo evangélico e católico: desafios para a prática pastoral”. Assessora: Dra. Brenda Carranza, teóloga, socióloga e psicóloga (Unicamp). Participantes: cerca de 350 pessoas.

– *Maiio/2014*: “IPDM – aprofundamento dos princípios da identidade”. Assessor: Frei Carlos Josaphat, op, teólogo. Participantes: cerca de 270 pessoas.

– *Dezembro/2014*: Encontro de articulação entre Igreja e movimentos populares. Assessores: dom Angélico Sândalo Bernardino e Guilherme Boulos, coordenador nacional do MTST. Participantes: cerca de 80 pessoas de pastorais sociais e coletivos de várias cidades do Brasil.

– *Fevereiro/2015*: Seminário sobre a CF-2015 – “Fraternidade: Igreja e sociedade”. Assessores: dom Angélico Sândalo Bernardino; Romi Bencke, secretária do Conic e pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; Daniel Souza, teólogo da Igreja Anglicana no Brasil. Participação: cerca de 300 pessoas.

– *Maiio/2015*: “Igreja e sexualidades: um diálogo necessário”. Assessor: Pe. Roberto

De Babel a Pentecostes

Ensaio de teologia inter-religiosa

Claude Geffré



Como indica no título, esta obra tenta esboçar o projeto de uma teologia inter-religiosa que reinterprete a singularidade cristã, levando em conta as sementes de verdade de que outras tradições religiosas podem dar testemunho.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Francisco Daniel – Pe. Beto, Diocese de Bauru, excomungado. Participantes: cerca de 270 pessoas.

– *Novembro/2015*: “Igreja e movimentos sociais”. Assessor: Pe. João Bakker, svd. Participantes: cerca de 150 pessoas.

– *Março/2016*: Encontro Ecumênico sobre a CF-2016: “Casa comum, nossa responsabilidade”. Assessora: Dra. Moema Miranda, diretora do Ibase/RJ. Participantes: cerca de 300 pessoas.

– *Novembro/2016*: “Eclesiologia em propulsão – papa Francisco, semeador da esperança” – seminário. Assessores: Pe. Manoel José de Godoy, teólogo; dom Manuel Parrado Carral, bispo diocesano de São Miguel Paulista; dom Antônio Celso Queiroz, bispo emérito de Catanduva/SP; dom Angélico Sândalo Bernardino, bispo emérito de Blumenau/SC. Participantes: cerca de 300 pessoas.

“A Pastoral em tempo de crise espera por agentes mais dispostos a gerar processos na gestação de um tempo novo do que desejosos de ocupar espaços de poder”

6. A ambivalência da crise

O tempo de crise é ambivalente: impõe a crise como limite à ação pastoral (já não há nada que fazer) ou propulsiona a ação pastoral na direção profética: para além da imposição de todo limite, há um horizonte de novas possibilidades.

Alguns questionamentos se impõem à Pastoral em tempo de crise:

– Tem-se feito bem o “tradicional” da vida eclesial – celebrações litúrgicas, catequese, dízimo, cursinhos de preparação para os sacramentos do batismo, crisma e matrimônio, visitas e unção dos doentes, celebração de exéquias e missas de sétimo dia?

– Tem-se reduzido a Pastoral ao “tradicional”, sem maior empenho para inovar, criar e atualizar o que há séculos se faz da mesma forma?

– As expressões da religiosidade popular, como romarias, peregrinações, promessas, novenas de padroeiros, culto aos santos, encontram espaços de aprofundamento, avaliação e incentivo na agenda pastoral?

– A diocese/paróquia terceirizou a Pastoral, entregando-a aos cuidados dos movimentos religiosos (ECC, EJC, Caminho Neocatecumenal, RCC, Mãe Peregrina, Arautos do Evangelho, Foculares e outros) em detrimento de uma pastoral orgânica de maior amplitude?

– A diocese/paróquia deixou de investir na convocação e formação de pessoas para as equipes pastorais e já não destina recursos econômicos para a sustentação destas equipes?

– As resoluções do Concílio Vaticano II, os avanços pastorais das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe e as diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil propostas pela CNBB encontram efetiva acolhida nas paróquias e comunidades?

– Os “sinais dos tempos” – em suas demandas por justiça, solidariedade, promoção e defesa da dignidade humana, construção da paz mundial, biossociodiversidade, diálogo ecumênico, participação e democracia, liberdade de consciência – tiram-nos o sono e aguçam o compromisso eclesial com o “cuidado da casa comum”?

– O pontificado do papa Francisco – que, ao entregar a exortação apostólica *A Alegria do Evangelho*, assim se expressou: “Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG 1) – encontrou efetiva adesão das Igrejas particulares, a ponto de “transformar tudo, para que os costumes, os



estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG 27)?

Conclusão: os sete apelos do papa Francisco

A exortação apostólica *A Alegria do Evangelho* contém o que o papa Francisco espera e quer da Igreja, ela mesma imersa, tanto quanto a humanidade, num tempo de crise.

A exortação é um compêndio atualizado do Concílio Vaticano II. Busca raízes num dos mais importantes documentos depois do concílio, a exortação apostólica de Paulo VI sobre o anúncio do evangelho no mundo contemporâneo *Evangelii Nuntiandi* (1975), fruto do Sínodo dos Bispos de 1974. Apresenta à Igreja universal as contribuições do *Documento de Aparecida – texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Com esses instrumentos, o novo papa tece seu primeiro documento com o coração de um bispo-pastor, que leva nas roupas e no corpo o “cheiro das ovelhas”.

O fato de ser um latino-americano significou, por sua vez, um salto enorme para a Igreja, pois assim abria-se caminho para superar a demasiada europeização da Igreja. Abria-se potencialmente a Igreja para grandes novidades e para enormes desafios de inculturação. A partir de então, tornava-se mais fácil fechar velhas portas, histórica e culturalmente ultrapassadas, e tornava-se possível abrir novas portas, mais condizentes com o mundo atual e o futuro (HUMMES, 2017, p. 9).

Assume-se e elabora-se uma Pastoral em tempo de crise com o bom humor dos que não se desesperam diante das catástrofes. Essas pessoas oferecem ao mundo em crise a fé

dos simples, a militância dos inconformados, a persistência dos sonhadores, a lucidez dos sábios e a esperança dos santos.

Ecoem, pois, os sete apelos do papa Francisco para uma mística pastoral sustentada pela espiritualidade em tempos de crise:

- tentados por uma vida espiritual recolhida em “momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros”, afirmemos: “*não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!*” (EG 78.80);

- tentados a “fugir de qualquer compromisso que nos possa roubar o tempo livre”, afirmemos: “*não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!*” (EG 81.83);

- quando tomados pelo abatimento do pessimismo estéril, afirmemos: “*não deixemos que nos roubem a esperança!*” (EG 86);

- se atitudes defensivas se tornarem argumento para “escaparmos dos outros na privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, numa renúncia ao realismo da dimensão social do evangelho”, afirmemos: “*não deixemos que nos roubem a comunidade!*” (EG 88.92);

- quando dominados pela hipocrisia religiosa do “deveriaqueísmo”, como mestres espirituais e peritos de pastoral que dão instruções ficando de fora” afirmemos: “*não deixemos que nos roubem o evangelho!*” (EG 96.97);

- quando o “espírito de contenda” provocar divisões na comunidade por causa da “busca pelo poder, prestígio, prazer ou segurança econômica”, afirmemos: “*não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!*” (EG 98.101);

- quando não levamos em consideração o protagonismo dos leigos na evangelização; a contribuição da mulher na sociedade e na Igreja; as reivindicações dos jovens e sua linguagem, que questionam as estruturas ordinárias da Pastoral; a criteriosa seleção de candidatos ao ministério presbiteral e à vida consagrada, afirmemos: “*não deixemos que nos roubem a força missionária!*” (EG 109);



A Pastoral em tempo de crise espera por agentes mais dispostos a gerar processos na gestação de um tempo novo do que desejosos de ocupar espaços de poder.

A Pastoral em tempo de crise é dialética: supõe a paciência histórica do sementeiro, que espera os frutos da semente (cf. Mc 4,26-29), e, ao mesmo tempo, impacienta-se, tendo em si o ímpeto dos profetas prontos a lançar fogo sobre a terra no desejo de que já estivesse aceso (cf. Lc 12,49).

Frei Betto, no artigo *Espiritualidade em tempos de crise*, afirma: “frente a tão nefasta

conjuntura, associada à crescente violência (homicídios, assaltos, drogas), a nação reage com indignação (em conversas e redes digitais) e apatia (nas ruas e movimentos sociais). A indignação se manifesta em expressões de ódio e desprezo; a apatia, na sensação de que é inútil protestar nas ruas, já que se tirou um governo ruim pra dar lugar a outro pior...” (2017).

É tempo de semear, sem a expectativa de, um dia, poder sentar-se à sombra da árvore. Pastoral em tempo de crise: limite ou profecia? ●

Bibliografia

ALENCAR, Chico. Mansões e mucambos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 set. 2017.

BETTO, Frei. *Espiritualidade em tempos de crise*. Disponível em <<http://www.gentedeopiniao.com.br/noticia/espiritualidade-em-tempos-de-crise-por-frei-betto/171960>>. Acesso em: 11 out. 2017.

BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Siquem/Paulinas, 2006 (Teologia Pastoral, 15).

CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília, DF: Ed. CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2007.

_____. *Documento de Medellín*: presença da Igreja na atual transformação da América Latina. Conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Medellín, 1968.

FRANCISCO, Papa. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

HUMMES, dom Cláudio. *Grandes metas do papa Francisco*: homenagem aos seus 80 anos de idade. São Paulo: Paulus, 2017.

JOÃO XXIII, Papa. *Gaudete Mater Ecclesia*: discurso na abertura solene do Concílio. In: VATICANO II: mensagens, discursos, documentos. São Paulo: Paulus, 1998.

LOPES, Mauro. *João Paulo II: os anos de terror na Igreja* (artigo 1 de 3). Disponível em: <<http://out-raspalavras.net/maurolopes/2017/06/22/joao-paulo-ii-os-anos-terror-na-igreja-artigo-1-de-3/>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

Narrativas místicas

Antologia de textos místicos da história do cristianismo

Maria Clara Bingemer e Marcus Reis Pinheiro (orgs.)

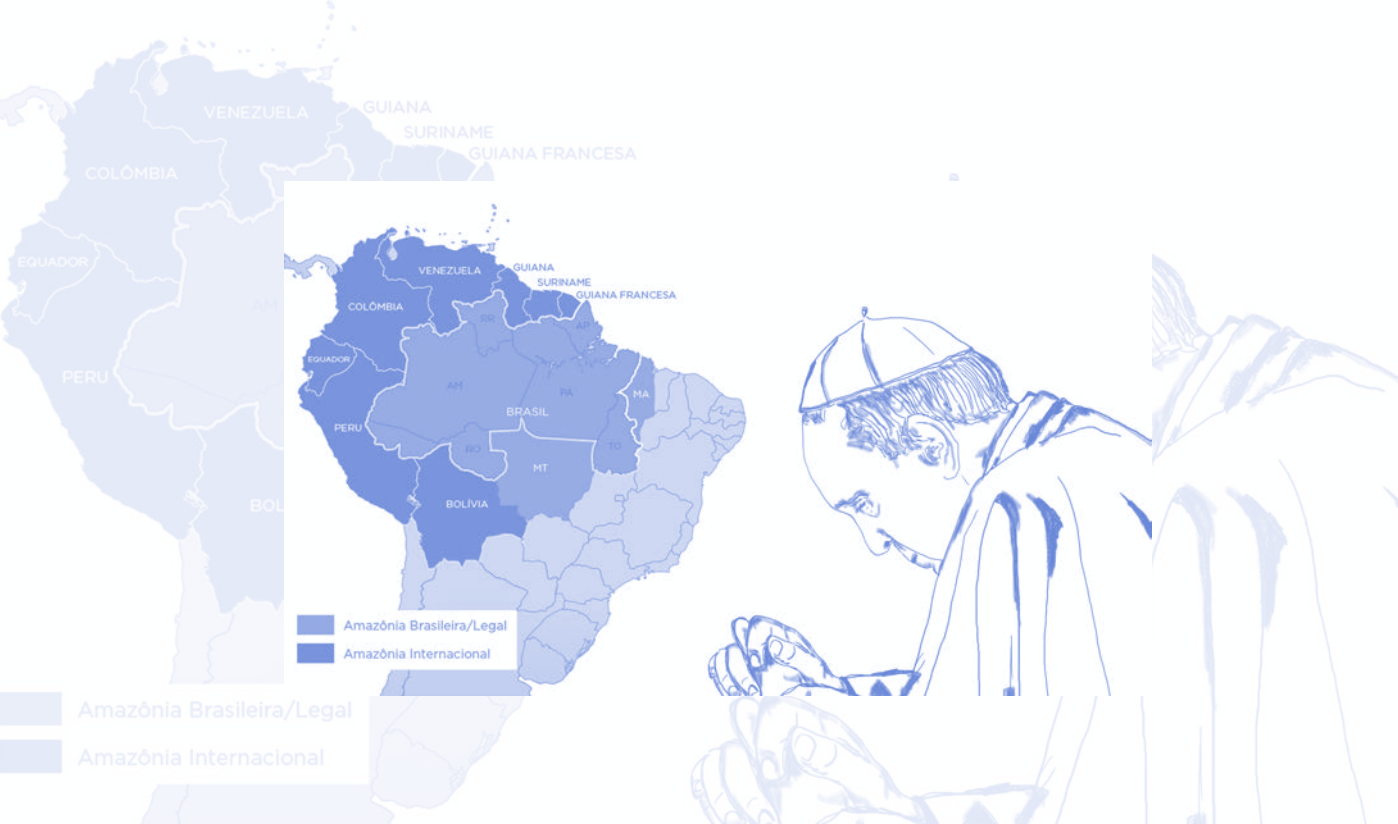
Parte da coleção Amantes do Mistério, este é um volume fundamental para os estudos da mística no Brasil. Ele coloca ao alcance do leitor brasileiro textos essenciais de místicos cristãos, desde os primórdios do cristianismo até os dias de hoje. A obra preenche uma lacuna nas pesquisas sobre o contato com o Mistério Divino, familiarizando o leitor com a biografia e com os escritos originais dos místicos mais importantes da história cristã.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br





Desafios evangelizadores na Amazônia

Cláudio Hummes*

*Cardeal dom Cláudio Hummes, ofm, nasceu em Montenegro (RS). Foi bispo da Diocese de Santo André (SP) de 1975 a 1996, ano em que foi nomeado arcebispo de Fortaleza (CE). Em 1998 foi nomeado arcebispo de São Paulo. Foi criado cardeal, em 2001, pelo papa João Paulo II. Em 2006, foi nomeado prefeito da Congregação para o Clero. Em 2010, o papa Bento XVI aceitou seu pedido de renúncia por limite de idade. Desde 2011 exerce a função de vigário-geral da Arquidiocese de São Paulo e acompanha as coordenações pastorais do mundo do trabalho, dos movimentos sociais e das novas comunidades no âmbito diocesano.

Um novo tempo foi inaugurado na Igreja Católica pelo papa Francisco. Muitos o consideram um verdadeiro *kairós*. Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), um documento programático, e em vários outros documentos e pronunciamentos seus, o papa Francisco convida a Igreja para uma verdadeira reforma. A reforma, ele a pensa no sentido de uma Igreja totalmente missionária, misericordiosa, pobre e para os pobres, uma Igreja mais aberta, dialogante, acolhedora e empenhada no cuidado da nossa casa comum, o planeta Terra.

Sobre uma Igreja totalmente missionária, ele diz na *Evangelii Gaudium* que “a atividade missionária representa ainda hoje o máximo



desafio para a Igreja [...] a primeira de todas as causas [...], sendo necessário passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (n. 15). Mais adiante, ao falar da necessária transformação missionária de toda a Igreja, ele diz: “Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma simples administração. Constituamo-nos em estado permanente de missão, em todas as regiões da terra” (n. 25). E ainda: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual do que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de ‘saída’” (n. 27).

O empenho da Igreja no cuidado de “nossa casa comum”, o papa Francisco o propôs em várias ocasiões, mas principalmente na sua encíclica *Laudato Si'*, de maio de 2015. Essa encíclica é um documento histórico. Trata da grave e urgente crise socioambiental e climática que em nossos dias desafia globalmente a sociedade humana. A nossa irmã, a Mãe Terra, começa a demonstrar que já não aguentará por muito tempo a desvairada e gananciosa intervenção humana de que é vítima, principalmente nos últimos dois séculos. Trata-se de grave crise ecológica mundial. Ela se torna evidente no drástico crescimento da temperatura global nas últimas décadas, causando alar-

mante mudança climática. Estamos nos aproximando de uma degradação irreversível da Mãe Terra. O papa Francisco afirma ser necessário e urgente sair da indiferença ou das hesitações para tomar as decisões exigidas pela crise. Não se pode esperar mais tempo. Adiar as mudanças para mais tarde seria demasiado tarde. Isso o disse também, na COP21, em Paris, o então ministro das Relações Exteriores da França, Laurent Fabius: “Plus tard, trop tard!” (mais tarde, tarde demais!).

Contudo, o papa Francisco sublinha que a questão ambiental não apresenta somente

uma dimensão econômica e sociopolítica, mas também uma dimensão ética e religiosa, de tal forma que a Igreja tem o dever de nela se empenhar. A dimensão ética consiste na nossa responsabilidade pelos pobres, os mais afetados. O papa diz que o grito da natureza e o grito dos pobres são o mesmo grito, em razão do abandono a que são relegados tanto a natureza como os

pobres – o abandono, a exploração, o descarte, o uso e abuso indevidos, o lixo, a sujeira, e assim por diante.

Outro aspecto ético é nossa responsabilidade para com as gerações futuras. Que tipo de mundo queremos deixar aos nossos filhos? Eles têm o direito de que lhes leguemos um planeta viável, saudável, sustentável e bonito.

A dimensão religiosa da questão se baseia na nossa fé num Deus criador. Deus criou o universo e nos entregou, como dom especial, a Mãe Terra, para dela tirarmos nosso sustento e para dela cuidarmos. A Igreja precisa hoje sublinhar esta nossa fé e nosso consequente louvar a Deus por todas as suas criações, nosso cuidado para com todas elas, nosso apreço por todas elas. Outro aspecto fundamental da dimensão religiosa da questão é o fato de que o Filho de Deus se encar-

“O papa Francisco afirma ser necessário e urgente sair da indiferença ou das hesitações para tomar as decisões exigidas pela crise”



nou e assim tomou um corpo formado pelos elementos da Mãe Terra, um corpo que depois ressuscitou e assim já está plenamente glorificado, também como profecia da nossa ressurreição e da promessa de novos céus e nova terra. O sacramento da eucaristia torna sempre presente esta misteriosa realidade da fé na vida cotidiana da Igreja. No universo criado, tudo está ligado. Há uma comunhão universal, uma espécie de família universal. Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado, é o centro de unidade e o ápice desta comunhão.

É neste contexto que devemos identificar os desafios evangelizadores na Amazônia. Ela, com sua realidade formada de imensas águas, florestas e biodiversidade, tendo como guardiões milenares deste sistema os indígenas, é citada pelo papa Francisco na *Laudato Si'*, que a chama de um dos dois pulmões do planeta. O outro é a bacia do Congo, na África. Diz o papa: “Não se ignora a importância destes lugares para a totalidade do planeta e para o futuro da humanidade. Os ecossistemas das florestas tropicais tem uma biodiversidade de enorme complexidade, quase impossível de conhecer completamente, mas, quando estas florestas são queimadas ou derrubadas para desenvolver cultivos, em poucos anos perdem-se inúmeras espécies, ou essas áreas transformam-se em áridos desertos” (n. 38).

A Amazônia ocupa não somente grande parte do Brasil (a metade do território brasileiro), mas também uma parte menor em outros oito países contíguos (Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela e as antigas três Guianas). É o que se chama de Pan-amazônia. É verdade que o Brasil tem 67% dessa Pan-amazônia. Ela compreende 7,8 milhões de km², 34 milhões de habitantes, cerca de 3 milhões de indígenas de 390 povos indígenas diversos, muitos dos quais (cerca de cem) ainda isolados ou não contatados, 240 línguas faladas pertencentes a 49 famílias linguísticas.

Conversão pastoral

Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial

José Carlos Pereira



Nesta obra, o autor analisa detalhadamente o Documento 100 da CNBB, sobre a renovação paroquial, ou a conversão, iniciativa que pretende alterar a maneira pela qual se formam as paróquias e dioceses, com foco maior na comunidade em torno delas. As paróquias devem ser principais elementos da equação, retomando valores que foram se perdendo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Essa Amazônia, o papa Francisco a confia de maneira especial à Igreja. Quando esteve no Brasil para a Jornada Mundial da Juventude, em 2013, ele falou aos bispos brasileiros e lhes disse que “a Amazônia é um teste decisivo e um banco de prova para a Igreja e para a sociedade”. E ainda: “A Igreja está na Amazônia não como aqueles que têm as malas na mão para partir depois de terem explorado tudo o que puderam. Desde o início, a Igreja está presente na Amazônia com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos e lá continua presente e determinante no futuro daquela área”. Para a Amazônia, Francisco fala de uma Igreja “com rosto amazônico” e da necessidade de um “clero autóctone”. Igreja de rosto amazônico significa uma Igreja inculturada, encarnada, que assume a história, a identidade, os problemas, os desafios, as aspirações e os sonhos da gente da Amazônia, de modo especial dos povos originários, os indígenas. Uma Igreja profética, missionária, defensora da vida, dos direitos humanos, da preservação da natureza. Um clero autóctone significa também um clero indígena, diáconos, sacerdotes e bispos indígenas.

Para realizar melhor este trabalho missionário, de evangelização e de preservação da Amazônia, já a Conferência de Aparecida (2007) afirmava ser necessário “estabelecer entre as Igrejas locais de diversos países sul-americanos, que estão na bacia amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum. Apoiar, com recursos humanos e financeiros necessários, a Igreja que vive na Amazônia” (n. 475).

De fato, já antes de Aparecida, a CNBB havia criado em 1997 a Comissão Episcopal

para a Amazônia. E há dois anos, depois de diversos encontros anteriores que reuniram, de uma ou outra forma, representantes de dioceses, prelazias, vicariatos apostólicos da Pan-amazônia, fundou-se em Brasília, em 2014, a Repam (Rede Eclesial Pan-amazônica). Os fundadores da Repam são nossa Comissão Episcopal para a Amazônia (da CNBB), o Departamento de Justiça e Solidariedade (do Celam), a Clar (Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas) e o Selacc (Secretariado Latino-Americano e Caribenho da Cáritas).

Os principais objetivos da Repam são, entre outros:

- articular todas as forças vivas, eclesiais e sociais que compõem a Repam, no sentido de um serviço eclesial ao povo da região, especialmente aos mais pobres e vulneráveis, tendo como grande referência a *Laudato Si'*;
- promover uma pastoral de conjunto – como propôs a Conferência de Aparecida –, uma colaboração territorial e a dinamização de ações articuladas, à luz de uma visão comum pan-amazônica;
- promover na Pan-amazônia a inculturação do evangelho, uma Igreja de “rosto amazônico” e a formação de um clero autóctone;
- colaborar na promoção integral das populações amazônicas, para que sejam sujeitos de transformação na Igreja e na sociedade;
- fazer tudo para que os povos indígenas voltem a ser sujeitos de sua história, também de sua história religiosa;
- promover e assumir o respeito às culturas, tradições, costumes, crenças, organizações e ritmos da gente da Amazônia;
- assumir a opção preferencial pelos mais pobres e excluídos desses territórios;
- defender os direitos humanos e particularmente os direitos dos povos indígenas,

**“A Igreja precisa
hoje sublinhar
nossa fé e nosso
consequente
louvar a Deus
por todas as suas
criaturas, nosso
cuidado para com
todas elas, nosso
apreço por
todas elas”**



ribeirinhos, afrodescendentes e periferias urbanas;

– trabalhar no sentido do respeito e cuidado pelo meio ambiente, pela ecologia, na Amazônia;

– procurar ter incidência nas políticas públicas de caráter local, nacional e internacional em favor da Pan-amazônia e dos diversos territórios amazônicos;

– caminhar junto com as populações locais, com os povos indígenas e outros grupos vulneráveis para apoiar, articular, formar agentes locais e capacitar lideranças.

Esta é a Repam, que vai se desenvolvendo cada vez mais. Contudo, o caminho a percorrer é longo. Por seu lado, a Comissão Episcopal para a Amazônia, além de ser também integrante da Repam, realiza um programa próprio na Amazônia Legal do Brasil. Um dos mais recentes eventos foi o II Encontro da Igreja Católica na Amazônia Legal, realizado em Belém (PA), de 14 a 16 de novembro passado. Ali foram apresentados os maiores desafios evangelizadores atuais da região. Eis alguns, a seguir.

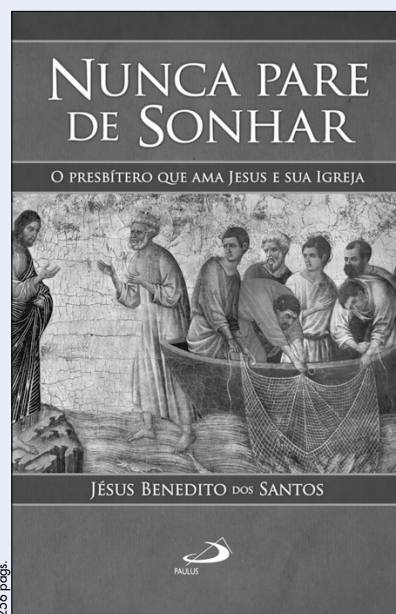
Poucos operários na vinha do Senhor

Faltam missionários/as. Sobre tudo, ministros ordenados, de modo particular sacerdotes. Todos nós, bispos, sabemos o que significa não ter padres ou ter poucos padres. Isso faz uma diferença substancial. Sabemos que não só os padres podem e devem ser missionários, mas também consagrados/as não ordenados e leigos/as. Mas a falta de padres torna tudo extremamente mais precário e difícil. Basta lembrar que um rebanho sem pastor corre grandes e constantes riscos de se perder. Só um padre (ou bispo) é pastor por completo. Os sacramentos do cotidiano dos cristãos – eucaristia, confissão e unção dos enfermos –, só o padre (e o bispo) pode administrar. Como os cristãos podem desenvolver uma vida cristã plena e comunitária sem esses sacramentos? Repito, são sacramentos da vida cotidiana dos nossos cris-

Nunca pare de sonhar

O presbítero que ama Jesus e sua Igreja

Jésus Benedito dos Santos



256 págs.

Este livro é um convite a todo cristão católico a continuar sonhando o sonho do Concílio Vaticano II – um trabalho para colocar o mundo moderno diante do Evangelho de Cristo. No espírito do Concílio Vaticano II, o presbítero deve ser no meio da humanidade uma centelha de luz a direcionar o caminho para Deus. Para isso, não basta gostar de ser presbítero; é preciso amar e viver como presbítero, amando Jesus e sua Igreja.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



tãos. Se é “a eucaristia que faz a Igreja”, se ela é “o banquete da vida”, forma a comunidade e a alimenta, então entendemos quanto se torna precária a vida de quem só a recebe uma ou outra vez na vida. A confissão dos pecados é igualmente um sacramento essencial para os cristãos. Nossos católicos querem se confessar, pois a confissão lhes dá a certeza do perdão de Deus e da paz com Deus. Jesus morreu para o perdão dos pecados, dizem as Escrituras. Segundo o Evangelho de João, Jesus ressuscitado, ao aparecer aos apóstolos, soprou sobre eles e disse: “Recebeí o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; aqueles aos quais os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20,22-24). No Evangelho de Lucas, Jesus ressuscitado diz aos seus apóstolos: “Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados” (Lc 24,46-47). Também o sacramento da unção dos enfermos, instituído por Jesus, quando manda seus discípulos ungir os doentes e rezar sobre eles, é profundamente desejado pelo católico às portas da morte. Aliás, estes três sacramentos – eucaristia, confissão e unção dos enfermos –, a Igreja os oferece a quem está para morrer. É o momento decisivo da vida desta pessoa. Às vezes, tanto fazemos para converter as pessoas e as chamamos para participar da vida comunitária, mas na hora de sua morte estamos ausentes! Falta-mos no momento decisivo. Ora, quando nem há sacerdotes, como em tantas situações da Amazônia, tudo é ainda mais precário e difícil para os cristãos.

Contudo, não faltam somente sacerdotes, mas também missionários leigos e consagrados não ordenados, que exerçam o ministério da Palavra e tantos outros ministérios que podem ser confiados a leigos/as.

“Parece cada vez mais difícil encontrar missionários que aceitem morar com os indígenas. Antigamente, isto era normal”

Todos estes missionários/as precisam de formação adequada para as circunstâncias culturais, sociais e históricas daqueles povos. Faltam recursos financeiros, instituições e formadores.

A evangelização dos povos indígenas

Este é outro grande desafio para a Igreja na Amazônia. Primeiro, porque é preciso enfrentar com seriedade e sabedoria a inculturação do evangelho na história e cultura, na religião, costumes e vida cotidiana dos diversos povos indígenas. Muito pouco se conseguiu fazer até hoje. A fé cristã foi inculturada, nos primeiros séculos, na cultura europeia, originando assim um cristianismo europeu. Foi uma inculturação bem-sucedida. Porém, os missionários, que da Europa se espalharam pelo mundo e finalmente também no Novo Mundo (as Américas), implantaram esse cristianismo europeu por toda parte. As culturas originárias desses povos foram quase totalmente ignoradas, quando não destruídas pelos colonizadores. A Igreja sempre esteve consciente da necessidade da inculturação da fé em todas as culturas, mas por diversas circunstâncias, entre as quais o temor do surgimento de Igrejas nacionais separadas, muito pouco conseguiu realizar neste campo nas culturas não europeias.

O papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, levanta de novo e decididamente a questão da inculturação e diz:

“O cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à tradição da Igreja, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar. [...] Pela incultura-



ção, a Igreja introduz os povos com as suas culturas na sua própria comunidade, porque cada cultura oferece formas e valores positivos que podem enriquecer o modo como o Evangelho é pregado, compreendido e vivido” (n. 116).

E mais adiante diz: “Não podemos pretender que todos os povos dos vários continentes, ao exprimir a fé cristã, imitem as modalidades adotadas pelos povos europeus num determinado momento da história, porque a fé não se pode confinar dentro dos limites de compreensão e expressão duma cultura. É indiscutível que uma única cultura não esgota o mistério de Cristo” (n. 118).

Sobre o temor de quebra de unidade da Igreja, Francisco diz:

Se for bem entendida, a diversidade cultural não ameaça a unidade da Igreja. É o Espírito Santo, enviado pelo Pai e o Filho, que transforma os nossos corações e nos torna capazes de entrar na comunhão perfeita da Santíssima Trindade, onde tudo encontra sua unidade [...]. É o Espírito Santo que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai (n. 117).

O segundo grande desafio para a evangelização dos indígenas é a falta de sacerdotes que convivam com eles. Parece cada vez mais difícil encontrar missionários que aceitem morar com os indígenas. Antigamente, isto era normal. Hoje, os índios se sentem cada vez mais distantes e carentes de uma convivência com os missionários. Isso os faz sentirem-se esquecidos, abandonados e fragilizados. É o que facilita a entrada dos evangélicos pentecostais, que ali vão, fazem uma semana missionária sem que o padre saiba (porque não vive ali) e, no fim, fazem um dos indígenas pastor e toda

a comunidade passa a ser evangélica – agora, sim, com um pastor residente com eles! Até os sociólogos alertam a Igreja Católica, dizendo que grandes contingentes de católicos das periferias continuarão passando para os pentecostais porque há poucos padres católicos residentes com os pobres das periferias da cidade e do campo ou com os indígenas. Assim, vamos perdendo muitos frutos do enorme esforço e sacrifício de vidas inteiras dos antigos missionários na Amazônia.

A urbanização crescente e desordenada (o índio urbano)

A Amazônia, mesmo no meio da imensa floresta, registra hoje um processo crescente de urbanização. Já não são apenas rios e matas, com as populações indígenas e ribeirinhas, os seringueiros e outros grupos da floresta que compõem a realidade amazônica do Brasil. Há uma onda de migração do interior para a cidade. Também de índios, o que cria um novo grupo urbano: o índio urbano, totalmente desenraizado e despreparado para competir na vida da cidade. A migração se dá principalmente em razão do abandono do interior e das comunidades indígenas pelo poder público. Todos tentam buscar soluções na vida urbana. De fato, porém, a grande maioria terá na cidade condições igualmente péssimas, quando não piores e irreversíveis. A Igreja tem suas estruturas e sua presença maior nas cidades, grandes ou pequenas. Sente-se envolvida e exigida fortemente pelas necessidades do povo urbano, e assim sua presença no interior e junto aos índios se fragiliza. E como a Igreja consegue lidar com o fenômeno do índio urbano? Eis aí grandes desafios!

Os megaprojetos de desenvolvimento (hidrelétricas, mineração, desmatamento, soja e gado), a crise ecológico-climática e a profecia.

Outro grande desafio evangelizador é a postura profética da Igreja na Amazônia diante



dos megaprojetos de desenvolvimento (hidrelétricas, mineração, desmatamento, agronegócio: soja, gado, milho etc.), provenientes do governo e da iniciativa particular. Há décadas a Igreja na Amazônia decidiu posicionar-se criticamente diante desses projetos. Sofreu perseguições e mortes. Hoje, os megaprojetos se multiplicaram e seguem aceleradamente. A questão se agrava, pois buscam lucros a qualquer preço, seja social, seja ecológico: desmatam, contaminam solo, rios, atmosfera, destroem e degradam a natureza. E isso quando sabemos hoje, mais do que antes, seja pela *Laudato Si'*, seja pela COP21, que a crise ambiental é real, grave e urgente. No recente II Encontro da Igreja Católica na Amazônia Legal, já citado, os participantes (bispos, sacerdotes, religiosos/as, leigos/as) dizem na *Carta Compromisso*:

Os projetos predatórios que aqui se alastram, pelos rios e pelas matas, não levam em conta os direitos da natureza, dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, que, desde sempre, convivem em harmonia e respeito com o ambiente, na casa comum, dádiva milenar. O mito do progresso sem limites e do lucro a qualquer custo continua prometendo o sonho do paraíso aqui na terra, ao alcance de todos. Na realidade, assistimos à exclusão, à

discriminação dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, ao inchaço das periferias pobres de nossas cidades. Unimos a nossa voz a tantos que denunciam que “*este sistema exclui, destrói e mata*”. Estamos conscientes da nossa responsabilidade de denunciar os males e de anunciar a esperança do reino de Deus.

Conclusão

Termino com a palavra do papa Francisco, no encontro que teve com os bispos brasileiros por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, em 2013:

A Amazônia é como um teste decisivo, um banco de prova para a Igreja e a sociedade brasileira. [...] Desde o início a Igreja está presente na Amazônia com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos, e lá continua presente e determinante no futuro daquela área. [...] Faz falta consolidar os resultados alcançados no campo de formação de um clero autóctone, inclusive para se ter sacerdotes adaptados às condições locais e consolidar, por assim dizer, “o rosto amazônico” da Igreja. Sobre isto peço, por favor, para serem corajosos, para terem ousadia. ●



Deus e sua criação

Doutrina de Deus, doutrina da criação
Renold Blank

Esta obra apresenta uma doutrina que documenta, em estreita relação com a Bíblia e, principalmente, com Jesus de Nazaré, o interesse de Deus pelos seres humanos. Ao mesmo tempo, revela-se aqui um Deus criador, cuja atuação dinâmica pode ser percebida também contra o pano de fundo de intelecções científico-naturais da cosmologia, física quântica e teoria do caos. Dessa maneira, o autor aponta uma saída sólida do estreitamento no pensamento judaico-cristão sobre a criação, um estreitamento novamente atual.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br



O Messias inaudito e a esperança messiânica do Filho de Davi no Evangelho de Marcos

Rita Maria Gomes*

Neste artigo refletiremos sobre o lugar e a função de alguns atributos, conhecidos como “títulos cristológicos”, na apresentação de Jesus. Nosso objetivo é, basicamente, mostrar que o evangelista Marcos usa esses atributos de modo a revelar a pessoa de Jesus e sua missão, e ao mesmo tempo, formar os seus discípulos de todos os tempos.

*Irr. Rita Maria Gomes, nj, é natural do Ceará, onde fez seus estudos em filosofia no Instituto Teológico e Pastoral do Ceará (Itep), atual Faculdade Católica de Fortaleza. Possui graduação, mestrado e doutorado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), onde leciona Sagrada Escritura. É membro do Instituto Religioso Nova Jerusalém, que tem como carisma o estudo e o ensino da Sagrada Escritura. E-mail: ritamarianj@gmail.com

Introdução

O Evangelho segundo Marcos começa com uma afirmação sobre o texto e sobre Jesus. Ali se diz “evangelho de Jesus, cristo, filho de Deus” (Mc 1,1).¹ Aquele texto é um evangelho, uma boa notícia, e esta diz respeito a Jesus, que é chamado “cristo” e “fi-

1 Manteremos o termo “cristo” em minúsculo por compreendê-lo em seu sentido primário de “messias”, e não como um segundo nome de Jesus, visto que o termo se refere à sua missão.



lho de Deus”. Mas no evangelho se atribuem outras designações a Jesus, como “santo”, “filho de Davi” e “filho do homem”.

Aqui refletiremos um pouco sobre o lugar e a função de alguns desses atributos, conhecidos como “títulos cristológicos”, na apresentação de Jesus. Nosso objetivo é, basicamente, mostrar que o evangelista usa esses atributos a fim de revelar a pessoa de Jesus e sua missão e, ao mesmo tempo, formar os seus discípulos de todos os tempos.

A reflexão sobre os títulos nos ajudará, assim esperamos, a compreender a dinâmica da narrativa de Marcos, a qual nem sempre é bem compreendida por aqueles que o leem. O certo é que um livro só se conhece lendo, por isso nossa abordagem propõe oferecer uma chave de leitura desse texto.

**“Marcos é
uma narrativa
multinível que
comporta ao
menos três níveis,
dois dos quais
internos ao relato
e um externo”**

1. Os usos marcanos do atributo “filho de Deus”

O atributo “filho de Deus”, que aparece logo no início, na abertura (1,1), reaparece em Mc 3,11, 5,7 e 15,39. Encontramos ainda uma variação sua, na qual consta apenas o termo “filho”, em Mc 1,11 e Mc 9,7, nos episódios do batismo e da transfiguração, quando a voz vinda do céu, dirigindo-se a Jesus, o chama “filho meu”. Consideramos ambas as formas como o único atributo “filho de Deus” porque no fundo é essa a afirmação presente nos textos.

No entanto, há uma distinção entre os usos marcanos de “filho de Deus”, só perceptível após análise acurada da dinâmica mesma da narrativa. Marcos é uma narrativa multinível que comporta ao menos três níveis, dois dos quais internos ao relato e um externo. Os níveis internos correspondem aos eventos que se passam entre as personagens da narrativa, e o externo diz respeito à relação entre o autor/narrador e o leitor. Nos

níveis internos, os eventos são narrados em âmbitos: transcendente e terreno.²

Assim as ocorrências do atributo em 1,11, 3,11, 5,7 e 9,7 correspondem ao nível transcendente. A primeira e a última dessas ocorrências encontram-se nos textos do batismo e da transfiguração, que são claramente teofanias, e as outras duas ocorrências do termo estão em trechos classificados como exorcismos. Nestes últimos o atributo “filho de Deus” aparece na boca dos “espíritos impuros”, o que de algum modo faz que todas essas ocorrências se situem no âmbito transcendente. Nesses textos o “filho de Deus” tem sentido distinto, porque os personagens transcendentes já têm o conhecimento pleno da pessoa de Jesus.

Já as ocorrências de Mc 1,1 e 15,39 situam-se no âmbito do terreno e não têm exatamente o mesmo significado que nos textos anteriores. É o sentido próprio dessas narrativas que buscamos ressaltar e delinear ao considerar o uso do atributo “filho de Deus” dentro do todo da trama narrativa de Marcos por meio da relação estabelecida entre esses usos de “filho de Deus” e os outros atributos aplicados a Jesus na abertura e em suas retomadas. Assim, os usos na abertura (1,1) e na sua retomada (15,39) se distinguem dos outros usos ao longo do evangelho. Esses dois atributos, “cristo” e “filho de Deus”, em Mc 1,1 são uma apresentação inicial do narrador ao leitor do evangelho, com quem estabelece uma relação especial (nível externo).

Ora, se, nos usos do âmbito transcendente, os personagens sabem exatamente quem é

² A partir da distinção de três níveis de conflitos identificados por Elizabeth Struthers Malbon, chegamos à percepção dos três níveis narrativos em Marcos. Para maior aprofundamento sobre esses níveis, ver GOMES, Rita Maria. *Profeta taumaturgo e messias inaudito: o processo marciano de apresentação de Jesus messias*. Faje, Belo Horizonte, 2017, p. 36 e 91.



Jesus por sua condição transcendente, como vimos acima, o mesmo não ocorre com os personagens no âmbito terreno. Portanto, o centurião romano não tinha maior consciência de quem era Jesus do que Pedro, ao confessá-lo, ou do que o leitor, ao receber a informação inicial na abertura.

2. Os atributos “cristo/messias” e “filho de Davi”

Na abertura, Marcos diz “início do evangelho de Jesus cristo”. O atributo de cristo ou messias é primeiramente uma abreviação da expressão “o ungido de Yhwh” (MOWINCKEL, 1975, p. 8), e o significado desse título vem, originalmente, da expectativa ou esperança de restauração de Israel que surge no profetismo pós-exílico e tem sua expressão na descendência de Davi (p. 21). Portanto, tanto o atributo “cristo” quanto o “filho de Davi” correspondem à expectativa messiânica real ou monárquica.

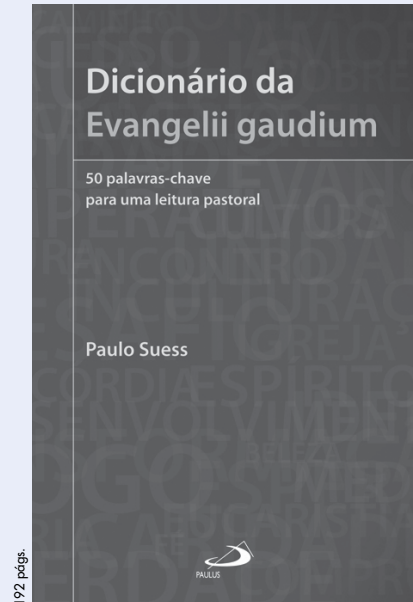
Em Israel, a figura do rei se molda com base em um amálgama da realeza cananea e da organização tribal da qual Israel nasce como povo. Em Israel, o rei chama a si mesmo de “filho de Yhwh” (MOWINCKEL, 1975, p. 70), ou seja, filho de Deus. No entanto, ele se sabe “lugar-tenente” de Deus em sua função real, consciente de que, antes de tudo, deve ser responsável por exercer a justiça. Daí podemos inferir que Marcos compreende “filho de Deus” na mesma linha de “filho de Davi”. Assim, os atributos de cristo, filho de Deus e filho de Davi pertencem ao mesmo ambiente vital que é a realeza. O messias é “o que há de vir”,³ é o esperado, e o esperado é um “filho de Davi”, “filho de Deus”.

Ora, a perspectiva messiânica marcada pelo “filho de Davi” aparece em três momentos distintos em Marcos, nos quais o atributo consta três vezes em dois recortes diferentes.

³ Essa expressão é o título mesmo da obra de Sigmund Mowinckel sobre o messias e o messianismo citado acima.

Dicionário da *Evangelii gaudium* 50 palavras-chave para uma leitura pastoral

Paulo Suess



Nem todos os envolvidos nos processos pastorais de hoje têm tempo suficiente para ler as quase 50 mil palavras da Exortação apostólica *Evangelii gaudium*. A partir de 50 palavras-chave, este dicionário procura facilitar a compreensão desse documento com propostas surpreendentes, audazes e inovadoras, explícitas e nas entrelinhas, que Papa Francisco enviou ao centro da Igreja.

Ingresso meramente ilustrativo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Analisaremos essas ocorrências porque são a base de sustentação de nossa intuição a respeito da compreensão marcana dos dois atributos messiânicos apresentados na abertura. Examinaremos mais detalhadamente ainda Mc 12,35-37, pois esse recorte traz claramente uma reflexão do autor sobre o “filho de Davi” e os ensinamentos dos escribas referentes a ele.

Em Mc 10,46-52 temos duas ocorrências do título, no vocativo. O cego Bartimeu dirige-se a Jesus nestes termos: “Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim!” No capítulo seguinte, na entrada triunfante em Jerusalém, o título não aparece, mas Jesus é aclamado como o rei esperado (cf. Mc 11,1-10[11?]): “Bendito o que vem em nome do Senhor, bendito o reino que vem, o de nosso pai Davi”. E isso o relaciona manifestamente com a espera messiânica do filho de Davi.

Até esse momento, não aparece nenhuma avaliação, nem positiva nem negativa, desse atributo por parte do evangelista, nem como comentário do narrador nem na boca de Jesus. A avaliação vem apenas em Mc 12,35-37, no contexto das discussões com os diferentes grupos judaicos no templo. É sobre esse texto que nos debruçaremos com maior atenção.

Mc 12,35-37, uma controvérsia entre tantas de uma unidade de controvérsias situada no templo, está organizado de modo a ressaltar o que está no centro, como se vê abaixo:

A ^{35a} E tendo tomado a palavra Jesus **FALAVA** ensinando no templo

B ^{35b} *como* dizem os escribas que o Cristo é **filho de Davi**

C ^{36a} **o próprio Davi disse** no espírito santo

D ^{36b} disse o senhor ao meu senhor: senta-te à minha direita até que eu ponha os inimigos teus debaixo de teus pés.

C ^{37a} **o próprio Davi chama-o** senhor,

B' ^{37b} e *como dele é* filho?

A' ^{37c} E a grande multidão o **OUVIA** com prazer.

Observemos que o verbo “falava” (éleguen) no início (A) se relaciona com o verbo ouvia (ēkouen) do final (A'); Jesus “falava ensinando” e a multidão “ouvira-o com prazer”, ou seja, estão no mesmo campo semântico da comunicação. O termo “filho” (hyiós) e o verbo “é” (estín) formam um claro paralelo em B e B', além do nome Davi, que se relaciona com o pronome pessoal genitivo “dele” (autou). E essa relação é marcada principal-

palmente pela questão da possibilidade da filiação davídica do messias e indicada pelo advérbio interrogativo “como”. Os inícios dos versículos 36 e 37, respectivamente C e C', são praticamente idênticos: *autòs David eipen* e *autòs David léguei*. A diferença encontra-se no verbo “dizer” (légo), que ocorre de modo diferente no v. 36 e no v. 37. Em nossas traduções, esse paralelismo desaparece, porque não é possível traduzir com o mesmo verbo. Eles começam exatamente da mesma forma, “o próprio Davi”, e depois se distinguem ao destacar o “Espírito Santo” pelo qual Davi fala e o nome “senhor”, pelo qual Davi se dirige ao messias. No centro (D) fica a citação do Sl 110,1. Em 36b temos a resposta dada pela Escritura para a questão da filiação davídica do Messias.

Portanto, o eixo central desse texto é a relação do Messias com a figura de Davi. Afinal, o messias é “filho de Davi” ou “senhor de Davi”? A apresentação desta relação aproxima-se muito de uma das regras que os antigos usavam para a interpretação de textos das Escrituras, segundo a qual se chega a um conhecimento maior de determinado evento ou personagem pela comparação, para assim verificar quem é maior (pesado) e quem é me-

“O messias é o que há de vir, é o esperado, e o esperado é um filho de Davi, filho de Deus”



nor (leve).⁴ Ainda que não se possa provar que essa regra tenha sido usada aqui, o que se deduz do texto concorda com o esquema de interpretação dos antigos, pois mostra que aquele que é chamado Senhor é maior (mais pesado) que aquele que chama ou se refere a outro como “seu senhor”.

A forma do texto, como dissemos acima, é uma controvérsia que, em Marcos, é apresentada secundariamente num monólogo de Jesus. Mateus faz tal controvérsia aparecer em sua pureza, uma vez que insere a questão controvertida num diálogo entre Jesus e os fariseus. Se assim é, podemos intuir que o ambiente vital que dá origem a esse texto é a catequese, pois a preocupação é esclarecer um dado importante da identidade do messias.

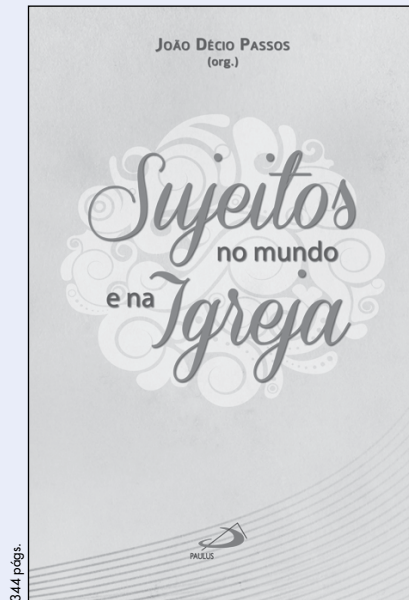
Se a forma do texto é uma espécie de controvérsia e seu ambiente vital é a catequese, então sua intencionalidade se revela como uma correção da ideia, certamente corrente, da filiação davídica do messias. Isso significa que o autor marcano pretendia acentuar a superioridade do messias Jesus em relação à expectativa do messias real cristalizado na figura de Davi. O messias não descenderia necessariamente de Davi.

O texto por trás da citação marcana do Sl 110,1 é a versão da LXX, e a principal alteração de Marcos em relação à sua fonte veterotestamentária é a mudança do substantivo “escabelo” (*hypopódion*) pela preposição “debai-xo” (*hypokátō*). Essa alteração se justifica pela intenção teológica do evangelista de relativizar o messianismo de tipo real, no qual a imagem do “escabelo para os pés” era clara demonstração da submissão dos reinos inimigos ao rei mais poderoso. Em Marcos, a submissão dos inimigos ao messias não se expressa primeiramente no quadro de uma monarquia, mas é muito mais ampla, uma vez que o inimigo é

4 Para maior aprofundamento sobre as regras do *midrash*, cf. ARANDA PÉREZ, Gonzalo et al (Org.). *Literatura judaica intertestamentária*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1996, p. 527.

Sujeitos no mundo e na Igreja

João Décio Passos (org.)



A Nova Evangelização passa pela ação missionária, que prepara verdadeiros discípulos de Jesus Cristo no mundo e para o mundo. Nesse sentido, cresce na Igreja do Brasil o interesse das dioceses pela criação dos Conselhos Diocesanos de Leigos, visando aprofundar sua identidade e atuação. É preciso juntar forças, unir-se na mesma ação evangelizadora, partilhando sonhos e desejos, convocando todos os batizados para uma reflexão sobre a missão da Igreja não apenas para os leigos, mas com os leigos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



satã e seu reino, em antítese com o Senhor e seu reino (MALBON, 2009, p. 43-46).

Os textos veterotestamentários que fundamentam a expressão “filho de Davi”, ou melhor, a expectativa messiânica de um “filho de Davi”, são basicamente 2Sm 7,1-17 e 1Rs 11,36, nos quais encontramos a promessa de uma linhagem davídica.

Em 2Sm 7,1-17 temos a promessa de que Deus mesmo vai construir uma casa para Davi. A casa é claramente a descendência. Já em 1Rs 11,36, essa promessa é novamente afirmada por meio da imagem da lâmpada, também falando da descendência de Davi sobre o trono. Nesses dois textos se enraíza a promessa messiânica real de um “filho de Davi”. Essa promessa é igualmente retomada nos Salmos 89,30-38 e 132,11-12, reafirmando a perenidade da descendência davídica no trono. Assim se consolida a esperança messiânica davídica.

É essa esperança messiânica que o texto marcano relativiza ao retomar o Sl 110,1, no qual Davi, falando no Espírito Santo, chama o messias de Senhor. A visão cristológica mostra claramente a superioridade do messias inaudito⁵ ao questionar sua filiação davídica. O título *κύριος* o coloca numa superioridade indiscutível em relação a Davi.

3. O processo de revelação de Jesus messias inaudito e a ressignificação dos atributos messiânicos

É conhecida a organização ou divisão do Evangelho segundo Marcos com base nos chamados “títulos cristológicos” dados a Jesus. A já clássica divisão de Marcos tem seu fundamento em Mc 1,1: “Início do evange-

lho de Jesus cristo, filho de Deus”. Os dois atributos aplicados a Jesus são retomados posteriormente: o de cristo/messias é retomado em Mc 8,27 e o de filho de Deus em Mc 15,39.⁶ Olhando assim, esse grande arco não só parece evidente, mas também inquestionável. A questão que levantamos é:

“A primeira coisa que Jesus faz, em Marcos, é chamar os primeiros discípulos, e estes o acompanham todo o tempo”

com essa organização se resolve tudo? Ela deixa clara, sem sombra de dúvida, a afirmação por excelência de Marcos a respeito de Jesus? Afinal, as confissões de Pedro e do centurião romano são o objetivo da obra ou os primeiros passos no reconhecimento da messianidade de Jesus e de adesão ao seu messia-

nismo? Como Marcos compreende esses atributos cristológicos?

Consideramos que tal divisão não ajuda muito a perceber a grande afirmação marcada da messianidade inaudita de Jesus. Para Marcos, Jesus é messias, filho do homem-servo padecente. Com o clássico arco divisório baseado nos atributos “cristo” e “filho de Deus”, a revelação messiânica de Jesus se obscurece. No entanto, se partimos de seus deslocamentos e ensinamentos, por palavras e ações, aos discípulos e às multidões, o messias inaudito surge com toda sua força.

Assim, defendemos uma organização do evangelho fundamentada nas indicações geográfico-teológicas do “mar da Galileia” (1,16–8,21), do caminho (8,22–10,52) e de Jerusalém (11,1–15,21). Essa organização permite que a mensagem vivaz de Marcos venha à plena luz, pois o Evangelho segundo Marcos não tem uma narrativa linear, mas em forma de espiral, e é nessa dinâmica narrativa que a pergunta “quem é este?” recebe respostas. Entretanto, estas respostas não são dadas pela via direta, e sim indireta, ou seja: é dizendo quem

5 Em nossa dissertação de mestrado, abordamos essas questões e explicitamos essa nomeação de *Jesus messias*. Cf. GOMES, Rita. *Jesus, o messias inaudito: hermenêutica do messianismo*. Faje: Belo Horizonte, 2011.

6 Essa organização encontra-se na introdução ao Evangelho segundo Marcos na edição da CNBB.



não é o messias que ele revela o messias inaudito. Marcos mostra-se como caminho de aprendizado de quem é o messias e de como ser discípulo desse messias inaudito.

A primeira coisa que Jesus faz, em Marcos, é chamar os primeiros discípulos, e estes o acompanham todo o tempo. É no convívio diário com o mestre que o seguidor se faz discípulo, mas isso se dá ao longo de uma caminhada, tanto que é na seção do “caminho” que se dá a crise do discipulado. No primeiro grande momento, na seção do “mar da Galileia”, os discípulos escutam Jesus e se maravilham com sua autoridade ao ensinar, expulsar demônios e curar muitos e também por seu poder e autoridade ante as forças da natureza. Eles são enviados em missão com a mesma autoridade do mestre, tudo parece correr bem.

No entanto, na seção central (caminho), após a confissão de Pedro (“tu és o cristo/messias”), a harmonia entre os discípulos e o mestre parece desandar, pois a confissão de Pedro desencadeia o primeiro de três anúncios da paixão. A partir daí, os discípulos não compreendem mais nada. Ora, confessar Jesus “cristo” era pensá-lo como o enviado monárquico que traria a vitória sobre os inimigos políticos de Israel – como ele poderia morrer? É essa a reação imediata de Pedro, e também de seus companheiros. A compreensão dos discípulos até aquele momento era a esperança messiânica real, monárquica.

Por isso, em Mc 9,9-10, ao descender da montanha após a teofania da transfiguração, quando Jesus lhes ordena não contar nada a ninguém até que o filho do homem tenha ressuscitado dos mortos, eles ficam pensando e discutindo entre si o que significaria esse “ressuscitar dos mortos”. O evangelista insere aqui a chave de compreensão do messianismo inaudito de Jesus e da condição de verdadeiro discípulo desse messias. É necessário viver a experiência da morte e da ressurreição para terminar o processo de aprendizado, para ser definitivamente discípulo.

O inaudito da messianidade de Jesus é a cruz, e o sentido da cruz só se dá na ressurreição. Por isso, aos três anúncios da paixão estão inseparavelmente unidos os anúncios da ressurreição.

Assim, a confissão do centurião romano deve ser compreendida na mesma dinâmica da confissão de Pedro, ou seja, como um primeiro passo no reconhecimento de Jesus messias, filho do homem-servo padecente, e não “filho de Deus”, conforme a visão terrena do monarca descendente de Davi.

Se Jesus, no primeiro momento do evangelho, se dirige primeiramente aos judeus e aos poucos vai alargando sua atuação junto aos gentios, a mesma dinâmica se verifica na atuação dos discípulos. Os primeiros discípulos de Jesus são judeus e têm na confissão de Pedro sua representação; os discípulos gentios que virão são representados antecipadamente na confissão do centurião romano. Portanto, a confissão do centurião não é o termo da afirmação marcana de quem é Jesus, mas o passo necessário do discípulo que entra no caminho do mestre Jesus. Como a confissão de Pedro é abertura para o que vem depois, assim a confissão do centurião abre caminho para os discípulos que se seguirão.

Conclusão

Marcos compreende a confissão de fé do centurião romano na mesma linha da confissão de Pedro, como um primeiro passo na percepção de quem é o messias, cuja continuidade, conseqüentemente, é a desconstrução da ideia de vitória e de restauração, passando não só pela experiência da cruz, mas também pela experiência da ressurreição.

O leitor, a quem é dada a informação de que Jesus é cristo e filho de Deus logo no início, pode pensar que é privilegiado em relação aos personagens internos à narrativa, mas, ao final das contas, não está numa situação tão melhor que os outros. Ele ignora a intenção do evangelista de ressignificar mes-



mo os atributos que apresenta inicialmente. Em Marcos praticamente tudo ganha novo sentido diante da pessoa de Jesus, e o evangelista não pretende dizer que alguém está errado ou equivocado, mas prefere demonstrá-lo pela visão e audição do mestre Jesus. Ele deixa que o próprio Jesus se revele em

todas as suas nuances e com isso desconstrua nossas falsas ideias e expectativas. Todos os que quiserem saber “quem é este?” devem, necessariamente, acompanhar Jesus para saber quem ele é de verdade, sem confusões ou distorções. Caminhemos, portanto, com o Cristo Jesus. ●

Bibliografia

- ARANDA PÉREZ, Gonzalo et al (Org.). *Literatura judía intertestamentaria*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1996.
- BULTMANN, Rudolph. *Historia da la tradición sinoptica*. Salamanca: Sígueme, 2000.
- GOMES, Rita. *Jesus, o messias inaudito: hermenêutica do messianismo*. 2011. Dissertação (Mestrado em Teologia – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2011).
- MALBON, Elizabeth Struthers. *Mark's Jesus: characterization as narrative Christology*. Waco, Baylor University Press, 2009.
- MOWINCKEL, Sigmund. *El que ha de venir: mesianismo y Mesías*. Madrid: Fax, 1975.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995.
- RAHLFS, Alfred. *Septuaginta, id est Vetus Testamentum Graece iuxta LXX interpretes*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.



Imagens meramente ilustrativas.

120 páginas

O Vaticano II e a política Carlos Signorelli

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja passa a olhar o mundo, a sociedade contemporânea e a modernidade de maneira mais positiva. Vários documentos desse evento, principalmente a *Gaudium et Spes*, vão oferecer uma palavra de incentivo àqueles que se internam no mundo da política: “ir para a política” não é mais um desejo de alguns; ao contrário, passa a ser um chamado do Espírito.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Presbítero da Arquidiocese de Belo Horizonte e pároco da Paróquia de Santana. Mestre em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Santo Anselmo, em Roma, e doutorando em Liturgia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), em Belo Horizonte. Membro da Celebra – Rede Nacional de Animação Litúrgica. Leciona nos cursos de Teologia da PUC Minas e do Instituto Santo Tomás de Aquino (Ista), em Belo Horizonte, como professor de liturgia fundamental, homilética, sacramentos da iniciação cristã e sacramentos do serviço. Leciona também nos cursos de pós-graduação em Liturgia da Unisal (SP). “Pastoral numa Igreja em saída” e “Liturgia cristã”, na Faje, BH.



Pe. Danilo César dos Santos Lima*

3º Domingo da Quaresma
4 de março

“Não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio”

I. Introdução geral

A Quaresma é um tempo oportuno para revisitarmos a nossa condição batismal, o que implica guardar o precioso tesouro da fé, que brota da obediência à Palavra de Deus. Sem verdadeira escuta das Escrituras, não é possível a fé. Mas o Deus que nos fala na Bíblia fala igualmente na criação, na história do povo, nos acontecimentos da vida e, de modo especial, nas celebrações. Na liturgia, a Igreja comunica a Palavra do Senhor pela proclamação das Escrituras e pelos sinais e ritos que dela extraem o seu significado (cf. SC 24). Contudo,



quando os ritos e símbolos perdem seu vínculo com a Palavra, e assim também a vida cristã, a liturgia e demais expressões religiosas podem se degenerar em idolatria.

II. Comentário dos textos bíblicos

Na sequência do itinerário quaresmal, a comunidade que adentrou com Jesus o deserto para vencer o adversário (domingo das tentações) subiu ao monte para reconhecer sua identidade filial e o apreço amoroso que o Pai lhe devota (domingo da transfiguração). Seguindo os passos do Filho de Deus rumo à Páscoa, somos convidados a aprofundar a relação com o Deus da aliança, buscando purificar nossa experiência religiosa, que encontra no evangelho deste domingo um parâmetro: Jesus é a expressão maior de obediência e de fidelidade a Deus, maior mesmo que o próprio Templo.

1. I leitura: Ex 20,1-17 – As dez Palavras

Os dez mandamentos são chamados de “dez palavras” (decálogo), isto é, as palavras que, de modo proeminente, Deus entrega ao povo para que sejam observadas. Na versão do Êxodo (primeira leitura), o decálogo é introduzido por duas oportunas recordações: quem fala ao seu povo é o Deus libertador que o tirou da escravidão do Egito e não tolera a idolatria, mas recompensa e protege os que guardam a sua lei; ele é o Deus que, depois de ter criado tudo o que existe, santificou o sábado como dia memorável do seu repouso. Mas é também o dia do repouso, da dignidade e da liberdade humanas. Dessa forma, a lei de Deus, enquanto instituição anterior a qualquer outra, existe para plenificar a vida do povo e para que já não se reproduzam os esquemas de opressão do Egito.

A enumeração dos dez mandamentos decorre dessas afirmativas importantes. Não se

trata de um deus estranho, mas daquele que já é conhecido, na sua potência do seu ato criador e na força de seu braço libertador. Os mandamentos são frutos da salvação do povo e da sua fé no Deus que o criou. Não são exigências preceituais sem história e sem uma relação que as preceda e sustente. Estão fundamentados numa experiência e num credo e podem, por isso, ser observados como resposta àquele que é o proponente da aliança.

Em relação ao evangelho, a primeira leitura tem uma função didática de nos apresentar o horizonte do agir de Cristo e do povo. A recordação da libertação e do sentido do sábado, como advertências para que não se reeditem os males sofridos, servirá para entender o acontecimento da purificação do Templo. Além disso, alguns elementos podem ser tomados em paralelo para apontar também um sentido tipológico dos textos. O Deus que libertou o povo da escravidão do Egito manifesta-se na pessoa de seu Filho, libertando-o de suas ações idolátricas. Na primeira leitura, evoca-se a Páscoa dos judeus; no evangelho, a nova Páscoa da ressurreição, por meio da imagem do novo Templo que se erguerá em três dias. Antes, a obra da criação é concluída com o repouso depois do sexto dia. Depois, ao terceiro dia, após o repouso de sua morte, sucede a recriação da humanidade na ressurreição de Jesus.

2. Evangelho: Jo 2,13-25 – Um ato de violência ou de solidariedade?

Uma moldura abre e apresenta o evangelho: a festa da Páscoa dos judeus comparece no início e quase ao final do relato (v. 13.23). Entre esses dois versículos estão os elementos característicos e decisivos do evangelho: a expulsão dos cambistas com o chicote em punho, o diálogo com os judeus e a glosa explicativa do evangelista a respeito da resposta de Jesus aos judeus. Na área externa do Templo existia um grande átrio que circundava o santuário, chamado de *soreg*. Ali podiam en-



trar os pagãos e também ali se estabelecera o comércio de animais para o sacrifício e os cambistas. Na Páscoa, essa atividade era muito intensificada. Esse mercado tinha a função de impedir que o dinheiro pagão entrasse no Templo, mas provavelmente não sem ágio... Era também um esquema que impunha aos peregrinos comprar ali animais que serviriam de oferenda para os sacrifícios. Longe de ser um serviço aos romeiros do Templo, a prática convertera-se em um sistema de exploração, beneficiando não somente os cambistas e vendedores, mas também a casta sacerdotal. Ou seja, a estrutura religiosa do Templo estava de tal modo contaminada pela ganância e pelo pecado que comprometia a sua real função de culto a Deus. Diante dessa situação, Jesus reage vigorosamente, à semelhança dos profetas que sempre denunciaram os desvios das funções do Templo como lugar de oração e de fidelidade. Já segundo um pensamento rabínico, o Messias viria com um flagelo na mão para instaurar um novo tempo.

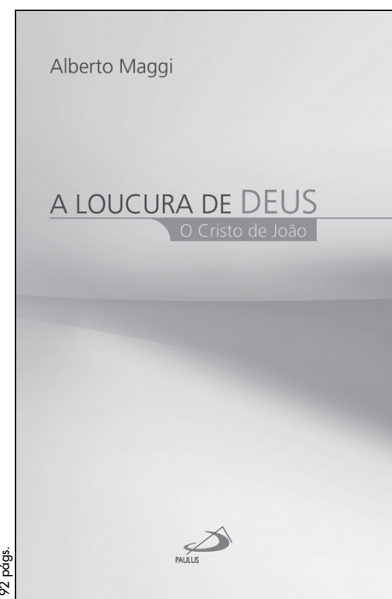
Na fala de Jesus observa-se um sentido autoritativo: a expressão “casa de meu Pai” evoca sua relação singular com Deus. Mais que um ato violento, a expulsão dos vendilhões do Templo é gesto autorrevelador, pois reuniu muitos elementos constitutivos da identidade de Jesus: profeta, Messias e Filho de Deus. Convém lembrar que Jesus reage à violência anteriormente praticada contra os pobres e humildes por meio da exploração religiosa.

Já a objeção dos judeus tem por trás uma atitude de rejeição que denota falta de fé e contrasta com a dos discípulos. Os judeus lhe exigem uma comprovação, por meio de um sinal, que justifique sua atitude. Já os discípulos recordam as Escrituras, recorrendo ao Salmo 69, muito conhecido e apreciado na Antiguidade cristã como um salmo messiânico. A objeção, contudo, viabiliza a resposta de Jesus, que não responde à questão

A loucura de Deus

O Cristo de João

Alberto Maggi



192 págs.

Rejeitado pela família, de modo que “nem mesmo os seus irmãos acreditavam nele” (Jo 7,5), e abandonado por grande parte dos seus seguidores, para as autoridades judaicas Jesus é apenas um louco, um obcecado. Somente um louco, um samaritano endemoninhado poderia, com efeito, denunciar os chefes religiosos como filhos do diabo e assassinos (Jo 8,48) e desejar o fim da instituição religiosa, que se acreditava que fosse desejada pelo próprio Deus.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



apresentada. Falando do seu corpo, como elucida a glosa do evangelista (v. 21), Jesus utiliza uma palavra em grego que se diferencia do edifício Templo, *naós*, isto é, santuário, o lugar onde o Santo habita. O verbo destruir (o Templo) aludiu à sua morte, e o verbo erguer à sua ressurreição. Este é o único sinal que Jesus lhes apresenta, em perspectiva futura: seu corpo ressuscitado, erguido ao terceiro dia, é a morada de Deus, pois em Jesus se realiza a fidelidade que já não se encontrava no Santuário de Jerusalém.

3. II leitura: 1Cor 1,22-25 – Os judeus pedem sinais

Entre os cristãos de Corinto, reinava outro tipo de violência e de idolatria: uma grande divisão entre pobres e ricos e, ainda, entre os partidos que lá se formaram – os de Paulo, os de Pedro e os de Apolo, bem como entre os de origem judaica e os de origem grega. Paulo era considerado pelos coríntios como um pregador de menor capacidade em relação a Apolo e a Pedro. Contudo, em sua pregação, o apóstolo muda o foco. Sem defender-se mediante a sabedoria e a eloquência, afirma a cruz de Cristo, único sinal apresentado como cerne da pregação da Igreja. A cruz responde, sim, à demanda dos que foram chamados, dos que guardaram a fé, isto é, dos que acolhem a Palavra de Deus, sendo considerada pelos judeus como escândalo e como insensatez pelos gregos. Loucura e fraqueza para os seres humanos, ela é expressão da sabedoria e da força divina. Esse é o cerne da Palavra que gera a fé cristã e requer a adesão dos chamados, contrariando a lógica dos que exigem sinais e explicações, tal como a dos judeus escandalizados com Jesus no evangelho. A cruz de Cristo é sinal que se afirma como maior do que as nossas recusas e infidelidades, pois nela está presente o amor fiel de Deus, que chegou a ponto de nos dar o seu Filho único para que tenhamos a vida.

III. Dicas para reflexão

O evangelho deste domingo termina afirmando que Jesus conhecia o ser humano por dentro. A Quaresma, como tempo de revisar nossa adesão a Jesus, dada por meio do batismo, supõe deixar de lado qualquer sinal de religiosidade que nos distancie daquele que purificou o Templo de Jerusalém. A cruz e ressurreição de Jesus são ápice e expressão de sua fidelidade a Deus. Auxiliados por esse Deus que perscruta os corações, somos chamados a rever nossas infidelidades e nossa real adesão à vontade do Pai.

O Templo, como santuário onde Deus habita, é o corpo morto e ressuscitado de Jesus. O batismo nos insere nesse mesmo corpo de Cristo, fazendo-nos passar continuamente da morte para a ressurreição. Isto é, em Cristo somos também santuário onde habita Deus. A destruição do Templo implica também fazer morrer em nós um tipo de religiosidade idólatra para fazer surgir nova edificação em Cristo, na qual se dá uma adoração verdadeira.

A Campanha da Fraternidade aborda neste ano o tema da violência. A superação da violência pela via da fraternidade é requisito indispensável da vivência da fé cristã. O ato de Jesus no Templo deve ser considerado como indignação contra outro tipo de violência que se pratica ao destituir e explorar os pobres com argumentos religiosos, mas distantes de Deus. O novo caminho instaurado por Jesus supõe o enfrentamento da violência com a Palavra da cruz, que vence com base naquilo que é aparentemente loucura e fraqueza.

Neste domingo convém recordar que o compromisso batismal comporta sensibilidade para com os irmãos e irmãs mais pobres. Nossas liturgias e demais instituições religiosas devem se pôr a serviço do soerguimento de tantos que têm a dignidade violentada pelos sistemas econômico, social e religioso. A



defesa e a solidariedade com os pobres e a preocupação com a vida podem até ser lidas como atos de violência, mas são justa indignação em favor dos que são sistematicamente violentados pela exclusão.

4º Domingo da Quaresma
11 de março

“Tanto Deus amou o mundo” – Um amor que alegra e revigora as forças

I. Introdução geral

Neste tempo da Quaresma, a caminho da Páscoa, temos os ouvidos e o coração direcionados para a experiência fundamental da fé cristã: o amor de Deus que nos deu o seu Filho único. Esse amor sem medidas é causa de júbilo para aqueles que buscam a libertação, o ânimo que nos estimula no caminhar rumo à vida plena. Deus move os acontecimentos e as pessoas, para que corram na direção da salvação que se aproxima, e faz que tudo concorra para a reconciliação da humanidade. Neste *Domingo Laetare*, experimentamos como a liturgia antecipa a plenitude que encontraremos na Páscoa definitiva, por isso já nos alegamos com a salvação que se aproxima.

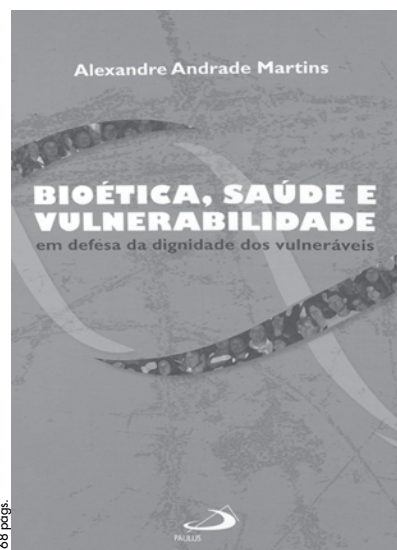
II. Comentário dos textos bíblicos

No domingo que passou, Jesus declarou que o templo do seu corpo, destruído pela morte, seria erguido em três dias na ressurreição. Neste domingo, o seu erguimento se dá na cruz e será causa de vida e salvação para todos os que acolhem, pela fé, o imenso amor de Deus. A morte e a ressurreição de Jesus superam o pecado, são anteriores a qualquer boa obra que venhamos a praticar e

Bioética, saúde e vulnerabilidade

Em defesa da dignidade dos vulneráveis

Alexandre Andrade Martins



Em 2012, o tema da Campanha da Fraternidade abordava a questão da saúde pública. Neste contexto, foi elaborado um interessante subsídio para pensar, a partir dos vulneráveis da América Latina e do Brasil, uma bioética e uma teologia como chaves de libertação, exatamente como propõe o autor. O livro é um convite para “fazer bioética” de forma diferente, que permita a todos ter mais qualidade de vida.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



demonstram o imenso amor de Deus pela humanidade. Na ressurreição de Jesus, somos erguidos por Deus aos céus, repatriados com ele para junto do Pai.

1. I leitura: 2Cr 36,14-16.19-23 – Que se ponha a caminho!

A primeira leitura faz um resumo da história da destruição de Jerusalém e do Templo, do sequestro do povo de Deus como cativo do rei Nabucodonosor, rei da Babilônia, e seu posterior retorno para a terra de origem, sob Ciro, o rei da Pérsia. Esse relato sumário de uma longa trajetória faz importante releitura da história do povo à luz de duas importantes chaves que, como polos, marcam o compasso da história da salvação. Os pecados da idolatria e da infidelidade quebram a aliança, apartam o povo da sua terra, das suas raízes, e violentamente destroem a vida. Na outra extremidade, a fidelidade de Deus, de modo insistente e paciente, intervem para que esse povo volte à relação de aliança. A princípio, o texto dá a entender que a teimosia do povo venceu, pois este chega a zombar dos enviados de Deus e a desprezar sua mensagem, despertando o furor do Senhor. A invasão dos inimigos é lida e compreendida como resultado da infidelidade, fruto de uma situação irremediável. Em consequência disso, os inimigos destroem tudo, o Templo e os muros da cidade, e levam o povo como prisioneiro para o exílio na Babilônia. Esse exílio é mais que uma punição ou vingança de Deus. Ele é símbolo de um distanciamento que o povo anteriormente tinha tomado, distanciamento de Deus e da aliança.

Contudo, invencível mesmo é o amor de Deus pelo seu povo e a sua fidelidade. É isso que determina e rege a história da salvação. Já sob o reinado dos persas e sob o novo modo de governar de seu rei, Ciro, o povo é reconduzido à sua terra. O rei decreta a reconstrução do Templo, em Jerusalém,

e ordena que o povo se ponha em marcha. O texto ressalta o cumprimento da palavra de Deus comunicada pelo profeta Jeremias: a terra desfrutará do repouso por 70 anos após a desolação da invasão, causada pela idolatria e pela infidelidade. Depois desse “tempo pedagógico”, Ciro é movido por Deus para que repatrie o povo cativo. O decreto do rei é emblemático: “que o Senhor, seu Deus esteja com ele, e que se ponha a caminho”, pois recorda o caminho que o povo fizera do Egito para a terra prometida, guiado por Deus no deserto. A oração do dia ressoa essa convocação de fazer caminho para a Páscoa de Jesus, que supera a Páscoa dos judeus e a volta do exílio.

2. Evangelho: Jo 3,14-21 – Um amor que cura

O evangelho deste domingo é um trecho do colóquio entre Jesus e Nicodemos (cf. Jo 3,1-21). Trata-se de catequese batismal joanina que retoma nesta passagem, de modo figurativo, o relato da serpente de bronze. Convém recordar esse episódio (cf. Nm 21,8-9), para compreender o sentido profundo de sua menção por Jesus. No deserto, o povo que murmurava injustamente contra Deus fora picado por serpentes e muitos chegaram a morrer. O incidente, interpretado como resposta divina às injustas murmurações do povo, fez que Moisés intercedesse em seu favor. Seguindo as determinações de Deus, Moisés ergueu uma serpente de bronze sobre uma haste para que ficassem curados aqueles que, picados, olhassem para ela. Ao contrário do que se pensa, Deus não envenena o seu povo com vingança e punição. O povo mesmo é que se intoxica com o seu pecado e sua injustiça. As ações de Deus são de uma compaixão que supera o veneno do pecado e da morte, estabelecendo-se como referencial e marco – serpente erguida – de cura e de perdão.

No evangelho, a serpente é figura daquilo que vai se realizar em Jesus. Ele é que será

erguido, levantado na cruz, para que a humanidade seja salva de suas infidelidades e de seus pecados. A morte de Jesus na cruz realiza e supera aquilo que, em figura, fora anunciado no Primeiro Testamento. Jesus é o novo sinal não apenas de cura, mas de salvação para todos os que creem. Mais ainda do que Moisés, ele, na cruz, também intercede pelo povo para que seja salvo por Deus. Disso decorre o discurso sobre o julgamento: a sentença já foi dada. Deus fez sua oferta máxima para a salvação: a vida do seu Filho unigênito, que comprova o seu imenso amor pelo mundo. Não há contrapartida diante de tamanha oferta, pois o imenso amor de Deus foi já manifestado.

O julgamento, contudo, aguarda a acolhida dessa sentença de amor e salvação. Ao preferir as ações maldosas, simbolizadas pelas trevas, isto é, o pecado, o ser humano recusa a oferta amorosa de Deus e afasta-se da luz. Ao agir conforme a verdade, isto é, ao distanciar-se do pecado, o ser humano se aproxima da luz e acolhe o amor e a salvação ofertados em Jesus Cristo. Embora o ser humano peque e reedite o pecado que envenena e mata, Deus reconta e aprofunda, na morte e ressurreição de seu Filho, a invencível história de seu amor pelo mundo que se manifesta desde a primeira aliança. Na cruz, lugar do erguimento do Filho, Deus revela a imensidão de seu amor.

No deserto, aqueles que foram picados por cobra olhavam para a serpente e eram curados. Metaforicamente, esse olhar poderia remeter ao reconhecimento do pecado e de seus malefícios. Esse reconhecimento teria sido a causa da cura do povo que murmurava. Hoje, olhar para Cristo gera outro tipo de reconhecimento: algo maior que o pecado e maior que suas consequências – o amor de Deus pelo mundo. O reconhecimento dos pecados vem em decorrência do que lhe é anterior: o amor de Deus que investe tudo para curar e salvar a humanidade, dando-nos o seu Filho.

Uma nova evangelização

Pastoral de conjunto e pastorais orgânicas

João Bosco Oliveira e Aparecida de Fátima Fonseca Oliveira



296 págs.

O escopo desta obra contempla um grande desafio: alcançar a unidade e a integração das pastorais, movimentos, associações e serviços eclesiais em um trabalho articulado com a diocese ou a paróquia. Nesta dinâmica de profícua evangelização, os autores colocam, além de um embasamento teórico, atividades e iniciativas para ajudar na compenetração das ações evangelizadoras, com base nas Sagradas Escrituras e no Magistério da Igreja. Notável e sólida contribuição para o desenvolvimento de uma ação pastoral realmente atual.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



3. II leitura: Ef 2,4-10 – Deus nos ressuscitou com Cristo

Esse trecho da carta de Paulo aos Efésios está fortemente marcado por uma constatação que reforça o raciocínio dos textos anteriores: é pela graça de Deus que somos salvos, não pelas obras. Estas são também fruto do desígnio divino que nos arranca da morte para vivermos a união com Cristo. Assim, a alegria deste domingo quaresmal configura-se como verdadeira bem-aventurança, pois é resultado do agir de Deus que nos faz participantes da vida do seu Filho pela fé. A fé pode ser entendida aqui como resposta ao agir de Deus que nos salva, como adesão a Jesus Cristo, ao qual estamos unidos pelo batismo. Essa leitura nos alerta fortemente contra uma compreensão meritória da fé cristã. Onde valem os méritos, não pode haver salvação e o agir de Deus é substituído pelo agir humano. Se valem os méritos, valem também a disputa, a competência e a concorrência, que geram mais violência, pecado e morte.

A arrogância gera o afastamento de Deus e dos irmãos, outro tipo de desterro que o pecado fabrica. Conviver com o arrogante não só é desagradável, como também inútil. Em seu fechamento e presunção, a arrogância cria obstáculos para a graça e para o agir divinos. O alerta de Paulo aos cristãos de Éfeso diz respeito a um espírito que pode estar também entre os cristãos de hoje. A arrogância aparece em muitos comportamentos que circulam por meio da internet e das redes sociais: intolerância religiosa, política, de gênero e raça... É preciso voltar à graça, pois só ela nos concede a alegria da fé.

Outra é a compreensão da revelação cristã: Deus nos premiou não porque nos comportamos bem, perfazendo um esforço ascético que nos leva ao orgulho de nós mesmos e à arrogância que gera pecado. Deus nos salvou por causa do seu imenso amor, por causa da abundância da sua misericórdia, que operou a salvação mesmo quando está-

vamos mortos por causa das nossas faltas. A união com Cristo faz do cristão um cidadão do céu, e suas boas obras são fruto dessa união e manifestam já aqui essa participação na ressurreição.

III. Dicas para reflexão

A liturgia deste domingo recupera o amor de Deus manifestado na cruz e na ressurreição de seu Filho como o eixo da conversão, da salvação e da alegria. Somos salvos por um amor invencível. Nem nosso pecado nem nossa teimosia fazem Deus desistir de nos pôr a caminho das realidades que celebraremos na Páscoa.

O pecado arruína a vida estabelecida e desterra os fiéis de sua condição batismal de filhos de Deus. É o pecado que nos exila de nossa condição de salvos pelo amor de Deus e envenena o ser humano, produzindo violência, sofrimento, morte.

A alegria deste domingo nasce da graça de Deus, não dos esforços humanos. A salvação só encontra espaço na vida quando se reconhece que Deus age em favor do seu povo, reconduzindo-o às fontes da salvação.

Seria muito conveniente refletir sobre o tema da Campanha da Fraternidade, a violência, a partir do seu nascedouro: a intolerância, a arrogância. Não há espiritualidade genuinamente cristã sem humildade, sem escuta e sem diálogo.

5º Domingo da Quaresma
18 de março

Jesus, o grão de trigo que frutificou!

I. Introdução geral

A Quaresma, como tempo de conversão, supõe a transformação de quem se põe a ca-

minho da Páscoa (cf. domingo passado). Tal transformação comporta genuína assimilação da Palavra de Deus, na obediência, como escuta profunda – desde as entranhas! – onde essa Palavra deixa as suas marcas. Sem transformação não é possível a aliança. Jesus é o modelo de aprendizagem da obediência pelo sofrimento, pois, mesmo sendo Filho, se deixou guiar pela vontade do Pai.

II. Comentário dos textos bíblicos

Deus é glorificado quando a aliança se concretiza na obediência de seu Filho, Jesus. Os batizados, que revisitam sua vocação cristã neste tempo da Quaresma, são chamados a glorificar a Deus em sua vida, após o Cristo e com ele. Exercendo a caridade, sinônimo de amor concreto e solidariedade, os cristãos prolongam o mistério de Cristo em sua vida de discípulos e servos.

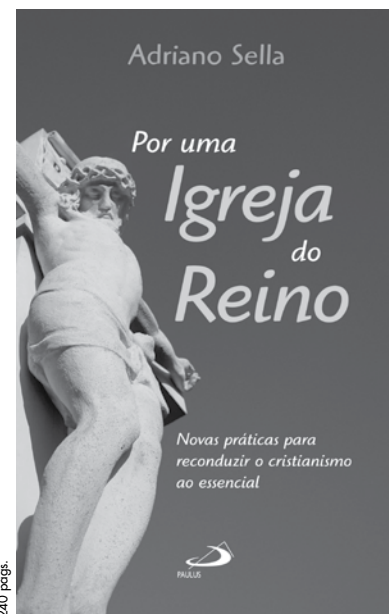
1. I leitura: Jr 31,31-34 – A aliança: conhecimento verdadeiro de Deus

Em tempos de destruição, provocada pelo exílio, o povo de Deus é convocado pela profecia de Jeremias àquilo que pode verdadeiramente propiciar uma reconstrução: a aliança. No pacto entre Deus e o seu povo, a recordação do êxodo, feita por Jeremias, tem uma finalidade importante: lembrar que Deus vai fazer algo maior que fizera outrora. Se no Egito ele usara de força para retomar a casa de Israel, sua propriedade, agora, nestes dias, Deus usará de outra estratégia: imprimir sua lei no coração e nas entranhas de seu povo. Quando tinha sido tomado pela sua mão forte, o povo violou a aliança com Deus. Na volta do exílio, esse povo que experimentara a destruição do reino do Norte já não conhece a Deus, pois busca os desconhecidos deuses pagãos (cf. Dt 11,28). Trazia a lei impressa exteriormente, mas não interiormente, nos corações.

Deus então promoverá um conhecimento tão verdadeiro, que o povo não precisará dos

Por uma Igreja do Reino Novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial

Adriano Sella



240 págs.

“Menos mestres, mais testemunhas; menos livros religiosos, mais Bíblia.” Eis algumas pistas que o autor deste livro sugere, com a preocupação de promover no interior da Igreja a renovação que muitos invocam. Das reflexões aqui presentes nasceu um percurso em que o leitor, passo a passo, é colocado diante da realidade eclesial de hoje, sentindo-se estimulado a dar sua contribuição para a renovação da mensagem.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



“mestres” que guardavam a lei. Noutra parte, o profeta denuncia que também eles não a conhecem (cf. Jr 2,8), deixando brechas para o povo buscar o culto aos falsos deuses. O conhecimento de Deus, anuncia Jeremias, será tão disseminado, que todos, do menor ao maior, buscarão a Deus. Já não será como outrora, quando, por falta desse conhecimento, o povo vivia se aperfeiçoando na maldade e no crime (cf. Jr 4,22; 9,2). Nesse futuro descrito pelo profeta, Deus, tendo assim retomado o seu povo para si, perdoará a maldade e esquecerá o pecado, que violaram a aliança. O texto proclama uma verdadeira purificação espiritual, que parte do interior, das entranhas e do coração, na liberdade e no conhecimento. Não mais pela força, nem mesmo de Deus...

2. Evangelho: Jo 12,20-33 – Queremos ver Jesus

A profecia de Jeremias, tratando do conhecimento de Deus, prepara os ouvidos da comunidade para o evangelho, no qual se narra que os gregos, em romaria para as festas, buscavam conhecer Jesus por meio dos discípulos: “Senhor, gostaríamos de ver Jesus”. O verbo ver, aqui empregado, pode isoladamente significar tão só “fazer contato” com Jesus. Mas o contexto sugere uma disposição de crer nele. O episódio parece desconectado da sequência, contudo aos gregos será dado conhecer o Filho do homem somente a partir da sua Páscoa. Eles pertencerão ao grupo dos que creram sem ter visto. Por isso, Jesus não responde, mas introduz o discurso do grão de trigo, como metáfora da sua morte e ressurreição que haverão de produzir muito fruto – neste caso, os discípulos gregos que ali se apresentam como sinal futuro desse frutificar.

A metáfora tem enorme força evocativa: o grão que não morre permanece somente um grão. Dito de outra maneira e acrescentando um significado a mais: o grão que não morre como grão permanece somente um. A morte, contudo, propicia nova situação: o grão, mor-

rendo, transforma-se em outros tantos frutos. Mas o discurso inclui também um paralelismo surpreendente: ao grão que cai na terra (v. 24) corresponde a sua elevação (v. 32); ao discípulo que odeia sua vida neste mundo (v. 25) corresponde o julgamento deste mundo (v. 31); ao Pai que honra o discípulo que odeia o mundo (v. 26) corresponde o Pai que glorifica o seu nome (v. 28). O paralelismo nos oferece uma estrutura de compreensão do evangelho: a disposição para a morte; a rejeição ao mundo e o seu julgamento; a honra recebida e a glorificação do nome de Deus.

A disposição para a morte no discurso do grão de trigo e na elevação da terra nada tem que ver com vitimismo ou masoquismo. É, na verdade, expressão maior do serviço e do amor, capazes de gerar situações novas e fecundas: produzir muito fruto / atrair a todos. A atitude contrária ao apego a si próprio é que é proposta como caminho do seguimento e do serviço a Cristo. Serve o mestre quem o segue, realizando aquilo que ele mesmo realizou. Nisto se dá a glorificação de Deus, de seu Filho (“o glorificarei”), e dos discípulos (“o glorificarei de novo”).

O julgamento do mundo é a cruz, que põe às claras a lógica de Jesus e do seu evangelho e a lógica deste mundo. O julgamento separa e distingue os que são de Cristo, porque perfazem o seu caminho, dos que são do mundo, porque andam em sentido diametralmente oposto. Jesus se dará a conhecer a toda a humanidade – simbolizada pelos gregos, que procuram vê-lo – por meio da cruz, na qual se realiza o julgamento da humanidade e a glorificação de Deus.

3. II leitura: Hb 5,7-9 – Ele aprendeu a obedecer pelo sofrimento

A carta aos Hebreus é um grande tratado sobre o fim do sacerdócio veterotestamentário, que se organizava por dinastia e tinha contornos e fundamentos exteriores e ritua-

listas. O autor proclama que, pela morte e ressurreição de Jesus, se estabeleceu novo sacerdócio, superior ao dos anjos que servem a Deus no céu, eterno como Melquisedec, do qual não se sabia a origem e o fim, e contrário ao sacerdócio aarônico, porque existencial. O pequeno trecho (vv. 7-9) pertence a uma unidade maior (vv. 1-10) em que o autor, Barnabé ou Apolo, discorre sobre o sacerdócio de Cristo, que era leigo e não pertencia a nenhuma casta sacerdotal. Por isso a ênfase em seu caráter espiritual: é pela solidariedade com a humanidade, pelo sofrimento e obediência, que Cristo é estabelecido como sacerdote. Ele pode compadecer-se e interceder porque provou o sofrimento, a escola onde aprendeu a confiar e obedecer. Sua oração (forte clamor e lágrimas) exprime sua entrega a Deus e dependência dele, não dos rituais praticados no templo. Sua obediência é o culto verdadeiro e espiritual que agradou a Deus e fez dele, Cristo, causa de salvação para os que lhe obedecem.

Causa espanto a afirmação: “Mesmo sendo Filho, aprendeu o que significa a obediência a Deus por aquilo que ele sofreu”. De imediato poderiam surgir objeções: como o Filho de Deus precisava aprender a obedecer? Deus impôs o sofrimento ao seu Filho? Embora legítimas, as questões não levam em conta o alcance da encarnação e da solidariedade de Jesus para com a humanidade, que a partir dela é gerada. Segundo F. X. Durwell, ao assumir nossa humanidade, o Verbo assume também o ser em construção. Ser humano é ser contingente, é estar em processo permanente de acabamento. Como Verbo, Jesus é o Filho gerado desde toda a eternidade; mas, como homem, a sua humanidade precisa crescer, ser constituída, construída. O sofrimento, a cruz, a morte elevam a humanidade de Jesus, fazendo-a coincidir, na obediência filial, com a sua divindade. Por isso, Jesus pode ser nosso eterno sacerdote, porque leva à perfeição a nossa humanidade.

Jesus de Nazaré

José Comblin



Pretendemos meditar sobre a vida humana, simplesmente humana, de Jesus Cristo. Queremos abordar Jesus de Nazaré tal como os discípulos o conheceram e o compreenderam quando caminhavam com ele pelas estradas da Galileia. Desejamos ver Jesus tal como ele aparecia quando ainda não manifestava sua relação pessoal com Deus; quando, aos olhos dos discípulos, ainda era um homem, simplesmente homem.

Ingressos meramente ilustrativos.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



III. Dicas para reflexão

A aliança com Deus se realiza quando acolhemos a sua lei no coração e nas entranhas, isto é, profundamente, não apenas exteriormente. A religiosidade deve colaborar para que o cristão esteja disposto a assumir livremente esta transformação interior e verdadeira. O profetismo bíblico indica-nos o caminho de conhecimento de Deus, decretando o vazio de uma religiosidade imposta, meramente exterior ou mesmo de fachada.

O mistério da cruz, simbolizado pelo grão de trigo e anunciado pela elevação do Filho do homem, é um evento fecundo que gera frutos de vida nova e de novos cristãos. A cruz é também o julgamento do mundo: ser de Cristo é servir a ele, servindo com ele.

Ser discípulo de Jesus implica compartilhar com ele a imensa liberdade de si mesmo, estando disponível para o serviço como expressão da autodoação que gera frutos de vida.

O sacerdócio de Cristo e dos cristãos se realiza de modo existencial: na obediência a Deus que se fortalece e se comprova na solidariedade.

Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor

25 de março

O Messias Jesus e o seu reinado de justiça e de paz

I. Introdução geral

A celebração do domingo de Ramos e da Paixão do Senhor abre a Semana Santa, reunindo duas importantes tradições. Nas Igrejas do Oriente, era costume imitar a entrada de Jesus na Cidade Santa trazendo ramos nas

mãos, como os judeus que, no tempo de Jesus, o receberam em Jerusalém, aclamando: “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito seja o reino que vem, o reino de nosso pai Davi! Hosana no mais alto dos céus!” No Ocidente, a tradição romana fazia a recordação da Paixão, um domingo antes da Páscoa, lembrando os momentos decisivos da vida do Senhor. A convergência das duas tradições na liturgia do rito romano ressalta o messianismo de Jesus e a revelação de sua identidade filial.

II. Comentário dos textos bíblicos

A missa do domingo de Ramos é um rito estacional, isto é: a celebração, em uma de suas modalidades – a mais solene –, é iniciada em local remoto (estação inicial), fora da Igreja, e concluída no recinto sagrado (estação final). A procissão é principiada pela proclamação do evangelho da entrada de Jesus em Jerusalém. O evangelho recorda três simbolismos: o cortejo, os ramos de oliveira e de palmeira e o jumento. O cortejo festivo recorda o caminhar dos discípulos que seguem as pegadas do Mestre e a acolhida de Jesus como rei, sinalizada pelo gesto de estender os mantos para que ele passasse. Os ramos, donde se extraía o azeite, eram uma forma de aclamar Jesus como o Ungido, o Messias esperado. Já o jumento é simbolismo forte de oposição: Jesus adentra a cidade pelo lado leste, como Messias portador de paz e salvação, mas de forma humilde, e não imposta. Esse simbolismo faz contraponto com a entrada de Pilatos e dos romanos, com as tropas do império romano, pelo lado oeste. O gesto tem, indubitavelmente, conotações políticas: de um lado, a *pax romana*, que se firmava pela violência e pela intimidação; de outro, a paz do Messias, que confronta o império com humildade e serviço. A oração da coleta, concluindo a procissão, recorda o exemplo de humildade dado por Jesus.

1. I leitura: Is 50,4-7

– O Servo, firme e sereno

A profecia de Isaías recorda a enigmática figura do Servo do Senhor. Essa imagem foi, desde sempre, muito apreciada pela tradição cristã como profecia do Cristo. O Servo ali descrito elucida e reforça a humildade, a confiança e a liberdade de Jesus. Assim como na profecia de Isaías, Jesus é aquele que veio confortar as pessoas abatidas. É ele que tem os ouvidos excitados para, como bom discípulo, ouvir e cumprir a vontade de Deus. Ele não foge do perigo, não se resguarda nem se protege, pois confia imensamente em Deus, a quem chama de “meu auxiliador”. Sua liberdade consiste em não estar preso a si mesmo, não fazer a própria vontade nem reagir à violência sofrida. Na sua mansidão, ele confia absolutamente em Deus. Por isso sabe que não sairá humilhado.

A figura do Servo impressiona pela sua firmeza e serenidade. Ele não se dobra à violência, mesmo sofrendo humilhações (bofetões e cusparadas) e torturas (costas espancadas e barba arrancada). Ao contrário, ele se oferece, apresenta-se para isso. Não se trata de masoquismo, mas de vigorosa denúncia profética: o reinado da violência está solapado em suas bases, pois se sustenta pelo medo que se sente e que se tenta produzir. O reinado do Servo (Jesus) contraria a maldade do mundo com o bem, com a justiça e a mansidão.

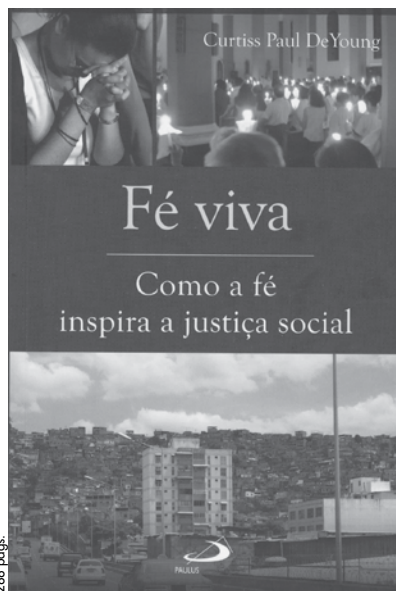
2. Evangelho: Mc 15,1-39 – Este homem é o Filho de Deus

Estamos no fim da trajetória de Jesus. Seus passos de pregador galileu itinerante findam seu trajeto na cidade de Jerusalém, palco da rejeição e da Paixão do Filho de Deus. Os evangelhos são, na verdade, um grande prólogo para as narrativas da Paixão, o “grande ato” de uma história de amor entre Deus e a humanidade. Neste domingo, esse núcleo da fé poderia ser compreendido à luz

Fé viva

Como a fé inspira a justiça social

Curtiss Paul DeYoung



Fé viva: como a fé inspira a justiça social é um mergulho que o autor faz na vida e nas palavras dos líderes e ativistas que, inspirados pela fé, trabalharam por mudanças sociais no século XX. O objetivo deste livro é mostrar como os ativistas se tornaram pessoas que desafiaram a sociedade e efetuaram mudanças. Esse conhecimento é importante para a formação de líderes do século XXI.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



de três grandes unidades ou blocos: o julgamento injusto diante de Pilatos, os açoites e escárnios de seus algozes, a crucifixão e morte de Jesus.

No primeiro bloco (15,1-15), vemos a motivação política da condenação de Jesus. A pergunta que Pilatos lhe dirige revela o teor do julgamento: “Tu és o rei dos judeus?” A resposta evasiva de Jesus não é fuga, mas postura isenta e crítica diante de um processo injusto. Não importaria o que respondesse Jesus, a sentença estava dada. Pilatos é juiz sem autonomia nem autoridade: pergunta à multidão e ao próprio Jesus o que fazer. A condenação de um homem justo é denunciada pela sua própria fala à multidão: “Mas qual mal ele fez?” Entra em cena a figura de Barrabás, um bandido e assassino, apresentado pelo falso juiz como alternativa que satisfaria a multidão e salvaria a sua própria pele. Jesus é julgado por um poder corrompido, sem isenção e substituído por um bandido cheio de culpa. Neste contexto, vem à tona a identidade do Servo: mansamente ele não resiste nem reage, mantendo-se firme e sereno diante de tanta maldade. Entende-se que o nome de Pilatos tenha figurado no símbolo da fé: “Padeceu sob Pôncio Pilatos”. Isto é: Jesus, o inocente, foi condenado por um poder injusto e corrupto, incapaz de julgar justamente.

No segundo bloco (15,16-20a), Jesus é açoitado e escarnecido pelos seus algozes. O relato de Marcos é breve, mas suficiente para ressaltar a rejeição humana. Os torturadores são soldados mercenários, que desprezam os judeus e aproveitam para demonstrar isso. Mas o sofrimento, que em muito recorda o Servo do Senhor da primeira leitura, não tem nada de masoquista. Os cristãos recordam-se daquilo que é o caminho verdadeiro para a glorificação na ressurreição. Não é certamente a violência nem a corrupção, mas o serviço, a humildade e a confiança em Deus é que conduzem à vitória. Os sofrimentos de Cristo têm um senti-

do pedagógico: ensinam aos seus seguidores que a trilha da glória humana situa a pessoa ao lado de Pilatos e dos algozes de Jesus. Para nos colocarmos ao lado de Jesus, é necessário sair da lógica deste mundo, não reproduzindo a maldade e a violência nem respondendo com rancor e vingança.

No terceiro bloco (15,20b-39), Jesus é crucificado e morto como malfeitor, fora da cidade (15,29). Ele continua sendo escarnecido pelos judeus e rejeitado pelos passantes e pelas autoridades religiosas do Templo. Ele não toma a bebida anestésica que lhe dão, suas vestes são repartidas, e acima de sua cabeça é colocada uma inscrição com o motivo da sua condenação. Tudo compõe um quadro evidentemente interpretado pela comunidade dos seus seguidores: aquele que sofre na cruz sofre injustamente, mas não perde a consciência nem a integridade. Sua morte tem caráter voluntário e põe em contraste a maldade e a injustiça. Tudo parece imerso em um turbilhão histórico de maldade e de injustiça. Jesus parece ser o único que se mantém no eixo. Sua consciência aguda grita também o abandono que sente da parte de Deus, com palavras do Salmo 22: “Meu Deus, por que me abandonaste?” Mas sua morte desencadeia nova situação religiosa: o véu do Templo, que resguarda o Santo dos Santos, rasga-se de alto a baixo, em duas partes. Não se trata de um tecido qualquer, mas de uma indumentária de proporções monumentais e de grossa espessura. O culto a Deus se desloca do centro (Templo) para a periferia (Gólgota, fora dos muros), lá onde se realiza a vontade de Deus e onde brilha a glória do seu amor, da verdade e da inocência do seu Filho, a ponto de causar o reconhecimento de um pagão: “Verdadeiramente esse é o Filho de Deus”.

3. II leitura: Fl 2,6-11

– O novo Adão

O hino cristológico da carta aos Filipenses retoma outro percurso, mais remoto e

subliminar: Cristo Jesus é aquele que, existindo em condição divina, não fez caso disso, mas humilhou-se até a morte de cruz. Recorda, em sentido oposto, o primeiro casal, que não se conformou à sua condição humana, mas arrogou a si o ser igual a Deus, comendo o fruto proibido. Enquanto Adão e Eva foram desobedientes, não fazendo caso do interdito divino, Jesus fez-se escravo (servo) obediente até o extremo da morte. Enquanto Adão e Eva foram rebaixados e expulsos do paraíso, privados da glória original, Jesus, por humilhar-se na obediência extrema, foi exaltado acima de tudo. Jesus desfaz o percurso de Adão, esvaziando-se. Na tentação, Adão ficou cheio de si ao ignorar a vontade de Deus. Jesus, ao contrário, esvazia-se e por isso alcança para a humanidade aquilo que Adão fizera perder.

Mas esse hino é também uma lição para a comunidade de Filipos, introduzida por um precioso convite presente no v. 5, que não consta na leitura proclamada nesta liturgia: “Tende em vós o mesmo sentimento que havia em Jesus Cristo”, ao qual se segue o que ouvimos. O cristão é convidado a viver em comunidade, fazendo dessa experiência uma trajetória de esvaziamento de si mesmo a exemplo de Jesus, seu modelo. Perfazendo esse caminho interior, tomando para si o sentimento de Cristo, cada um se une e vence com ele, que não fez caso do ser igual a Deus, mas preferiu a humildade. O esvaziamento e a cruz são, pois, uma referência espiritual para a comunidade.

III. Dicas para reflexão

A morte de Jesus tem um sentido salvífico: por seu caráter inocente e voluntário, ela denuncia a maldade e implode um sistema contaminado pela injustiça e pelo pecado. A morte de Jesus não foi em vão. Ela destruiu um sistema violento que gera morte e produziu um caminho aberto para a paz que é fruto da justiça. É o antissacrifício que interrompe

Diálogos noturnos em Jerusalém

Sobre o risco da fé

Cardeal Carlo M. Martini e Georg Sporschill



Em Jerusalém falamos muito sobre os jovens de hoje, muitas vezes noite adentro, embora eu tenha por hábito levantar cedo. Alimentamos nossos sonhos. À noite as ideias brotam mais facilmente que durante a aridez do dia. O que espera a juventude? E o que espera o mundo da juventude? Um mundo difícil exige seu engajamento.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



a máquina que produz sofrimentos injustos e desumanidades. O discípulo de Jesus contempla sua morte e obtém luzes para perfazer o seu caminho, seguindo o Mestre. Mas é também aquele que luta contra as mortes injustas que ainda crucificam a tantos...

A morte de Jesus é expressão maior de sua confiança no Pai e sua obediência a ele. A liberdade e a firmeza de Jesus não se dobram ante a maldade. Ele mantém-se sereno em seu lugar de Servo, de Filho, com extremada lucidez. Nosso desafio cristão consiste em permanecer, nos momentos de crise e dificuldade, serenos e firmes contra a injustiça e a violência, como Jesus.

A morte de Jesus desfaz o caminho de Adão. Seu despojamento da condição divina, para obedecer ao Pai, restaura o que o pecado das origens fizera perder. Jesus é o Novo Adão.

Os roteiros homiléticos do Tríduo Pascal (Ceia do Senhor, Paixão do Senhor e Vigília Pascal) podem ser acessados no site da revista: <vidapastoral.com.br>.

Domingo da Páscoa

1º de abril

Buscai as coisas do alto, se de fato ressuscitastes com Cristo

I. Introdução geral

A morte de Jesus foi marcada pela fidelidade, pela justiça e pelo amor. O Inocente foi condenado por um tribunal injusto... Contudo, a sua ressurreição contém importante inversão: a justiça de Deus, que é maior, reconhece a inocência do Filho. O tribunal divino pronuncia sua sentença, conferindo a Je-

sus uma vida nova, sem igual, pois só ele cumpriu a vontade do Pai.

II. Comentário dos textos bíblicos

Neste domingo da Páscoa, os cristãos são chamados a uma vida nova, que vence a morte, as dúvidas, os medos e os vazios da existência. A proclamação da fé cristã indica o resultado de viver como Jesus: alcançar a plenitude da vida e ser sinal de esperança para o mundo.

1. I leitura: At 10,34a.37-43 – Passou pelo mundo fazendo o bem...

O querigma não é só um anúncio primeiro que principia outros. É anúncio primordial e estruturante, contido em toda a pregação da Igreja, dos primórdios até os dias de hoje. O anúncio querigmático de Pedro contém todos os elementos da pregação primordial da Igreja: conforme as Escrituras (v. 43a), Jesus é o ungido de Deus para a missão (v. 38). Mas ele sofre a rejeição e a morte (v. 39). Deus, contudo, concede-lhe a ressurreição dos mortos, tornando-o Senhor e Juiz (v. 40-42). Diante desse acontecimento, os discípulos fazem o convite à conversão (v. 43b). Esses mesmos elementos estão presentes noutras formulações querigmáticas e até mesmo na liturgia da Igreja, que sempre proclama: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!”

Embora o conteúdo pascal da pregação querigmática seja o seu eixo fundamental, a afirmação contida no versículo 38 é bastante comovente: Jesus passou pelo mundo fazendo o bem e curando a todos os que estavam com o demônio, porque Deus estava com ele. Essa afirmação demonstra o jeito de viver daquele que venceu a morte, isto é, o tipo de vida que o qualificou para a ressurreição. É por isso que Jesus se torna modelo para os



discípulos, pois sua morte e ressurreição dizem respeito ao modo como ele viveu neste mundo: não para si, mas para os outros; não autocentrado, mas deixando-se guiar por Deus. Aqueles que seguem Jesus poderão desfrutar vida nova se, imitando o seu modo de vida neste mundo, se deixarem guiar por Deus. Assim, o querigma continuará a ser anunciado existencialmente pelas obras de seus discípulos.

2. Evangelho: Jo 20,1-9 – O amor que sinaliza a vida

O relato da ressurreição comporta elementos oriundos de fontes diversificadas. Também o recorte operado pela liturgia interrompe a narrativa que tem no encontro de Madalena com Jesus ressuscitado o seu ápice. Seja como for, a liturgia, nas suas opções, impõe-se e será necessário tirar o devido proveito disso.

O relato começa com a menção do primeiro dia da semana. Esta é uma marca comum aos textos da ressurreição e encontra ressonância e concretude no domingo, como dia memorial por excelência do acontecimento fundador da fé. Maria Madalena foi ao túmulo quando ainda estava escuro e percebeu a pedra do sepulcro removida. Sem entrar no túmulo, ela recorre aos discípulos, Pedro e o discípulo amado, que acorrem ao local. Pedro, todos sabemos, é aquele que confirma a fé dos demais, por isso entra primeiro no recinto. O discípulo amado é um personagem impreciso, equivocadamente identificado com o evangelista João. Entre as hipóteses possíveis, ele seria o protótipo do discípulo, construção que exprime um ideal, uma meta de seguimento. O fato de um correr atrás do outro poderia ser esclarecido com base nessa ideia de meta, pois, no Evangelho de João, Pedro está referenciado ao discípulo amado ao menos cinco vezes. Este corre à frente também porque experimenta o amor e, tendo sido fiel no momento da cruz,

assimilou o seu sentido último, o amor. Por isso, compreende os sinais no sepulcro vazio. Ele tem, portanto, uma função propedêutica para os discípulos, sobretudo para Pedro, a quem abre caminho para o Ressuscitado. Também por isso espera que o outro adentre primeiro o túmulo; ainda assim, de fora, vê os panos mortuários jogados ao chão e crê antes de Pedro...

De Pedro diz-se que entra e vê também as faixas de linho no chão, mas o pano que fora posto sobre a cabeça de Jesus colocado num lugar à parte. Ele ainda está migrando do escândalo da cruz para a convicção da ressurreição. Continuará precisando do amigo que lhe conduza à fé no Ressuscitado. Só atingirá a sua estatura no amor ao Mestre e na compreensão das Escrituras.

Os panos dobrados e as faixas ao chão, como símbolos, permitem inúmeras hipóteses. Entre as mais aceitas está aquela que compara os panos mortuários de Lázaro com os de Jesus. O primeiro sai atado do túmulo, pois sua “ressurreição” é um sinal provisório. Lázaro morreria novamente e precisaria de suas mortalhas. Jesus ressuscitou uma vez por todas e já não precisará dos panos. Mas não faz mal associar as teorias: os panos no sepulcro contrariam a possibilidade de roubo do corpo de Jesus, pois ladrão algum se daria ao trabalho de retirar os panos e transportar o corpo nu.

O relato da ressurreição, ao focalizar Pedro e o discípulo amado, dá-nos importantes pistas para balizar nossa experiência de Páscoa: não se chega à fé na ressurreição sem três ingredientes básicos. Estes ingredientes estão relacionados à pessoa do discípulo amado e a Maria Madalena. O amor é o primeiro ingrediente: tanto o discípulo amado quanto Maria Madalena fazem a experiência do amor ao Mestre, a qual, para Pedro, será mais tardia. O segundo ingrediente é a comunidade: Pedro precisa do anúncio de Madalena e da guia do seu companheiro de corrida, que o introduz



no sepulcro e no contato com os sinais. Por fim, a compreensão das Escrituras será sempre a chave última para acessar a ressurreição!

3. II leitura: Cl 3,1-4 – Ressurreição para já!

A ressurreição de Cristo desencadeia um modo de vida que começa desde já. Paulo está se dirigindo a uma comunidade que ainda vive no seu tempo, historicamente. No entanto, afirma que eles já são ressuscitados com Cristo. Como pode, se ainda não morreram? A ressurreição não é acontecimento para depois da morte? O discurso só pode ser entendido à luz do batismo, que, segundo o apóstolo, pela fé, reproduziu na vida do cristão a experiência de morte e ressurreição (cf. Cl 2,12). Assim, o cristão, que está inserido em Cristo pelo batismo (v. 3), tendo morrido com ele, já desfruta dessa vida nova que é própria dele. A ressurreição de Jesus contagia já os que ainda estão a caminho e se dispuseram a morrer para as coisas terrestres (v. 2).

Mas é possível viver como mortos e ressuscitados em Cristo? O discurso do apóstolo faz supor que sim. Em primeiro lugar, pela ligação dos discípulos e batizados com Jesus. Eles têm a sua vida escondida com Cristo, em Deus (v. 3). Então, na vida de cada discípulo e da comunidade, opera a vida e a morte de Jesus ressuscitado. Mas a ressurreição não é um prêmio que se adiciona à existência. É um modo de vida que começa já e continua de modo cada vez mais intenso e progressivo: “esforçai-vos por alcançar... aspirai...”. Aquilo que foi dito no comentário da primeira leitura a respeito de Jesus vale para o cristão a ele unido: Cristo morreu e ressuscitou como viveu, também o cristão deve morrer e ressuscitar como vive; isto é, segundo a sua união com Cristo.

III. Dicas para reflexão

Jesus morreu e ressuscitou como viveu: passou pelo mundo fazendo o bem, deixan-

do-se guiar por Deus. Fazer a experiência da ressurreição tem que ver com o modo de vida que a comunidade assume: a vida de Jesus.

A ressurreição, como experiência, supõe o amor, a comunidade e o conhecimento das Escrituras. Estamos todos como o discípulo Pedro: em processo de busca e encontro do Ressuscitado. Somos todos como Madalena e o discípulo amado: cremos à medida que amamos e conduzimos outros a essa mesma experiência.

A morte e a ressurreição são mistérios vividos hoje, neste mundo. Não são realidades para depois... Os batizados morrem com Cristo e ressuscitam com ele. Por isso devem orientar sua vida para o alto e continuamente morrer para as coisas terrenas, isto é, para o modo de vida que não é o de Jesus.

2º Domingo da Páscoa

8 de abril

O testemunho comunitário da ressurreição

I. Introdução geral

O tempo pascal amplia a experiência da ressurreição celebrada no Tríduo. A cada domingo, a comunidade depara com o mesmo mistério da ressurreição de Jesus narrada de maneira diferenciada e fecunda. Por tratar de um acontecimento muito significativo, cada narrativa permite a entrada nesse mistério por meio de determinada porta. Neste domingo, a porta para a entrada no mistério é a própria comunidade de fé: seus gestos, seu testemunho, seu serviço ao mundo... Tudo afirma aquilo que os evangelhos transformaram em texto: Cristo ressuscitou! A manifestação do Ressuscitado aos irmãos e a Tomé se reproduz em cada um de nós e na nossa vida eclesial.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: At 4,32-35 – Um só coração e uma só alma na fé

No segundo retrato da comunidade, o escritor dos Atos dos Apóstolos, provavelmente Lucas, compõe precioso retrato da comunidade das origens. Esse é um olhar muito simpático sobre a comunidade. Na verdade, a afirmação “entre eles ninguém passava necessidade” parece ser contestada pelos próprios escritos paulinos, que mencionam, por exemplo, a coleta promovida pelo apóstolo em favor dos irmãos em Jerusalém (cf. 1Cor 16,1-3). As necessidades vieram, talvez, por causa das perseguições sofridas. Contudo, sobressaem ao texto os valores alicerçados na comunhão (*koinonia*) existente entre eles, sinalizada por ricas expressões como: “um só coração e uma só alma”, “tudo entre eles era posto em comum”. Esse era o clima estabelecido entre os componentes da comunidade primitiva de Jerusalém, retratada por Lucas. Nesse terreno, a fé pascal na ressurreição fincou raízes profundas e era testemunhada pelos apóstolos com grandes sinais de poder (cf. v. 33). Esses grandes sinais de poder não são descritos aqui, neste trecho, como coisas extraordinárias ou mirabolantes, mas como evidências de uma importante transformação: “ninguém considerava como próprias as coisas que possuía”; “tudo entre eles era posto em comum”; os que eram proprietários vendiam os seus bens e colocavam o dinheiro aos pés dos apóstolos para a distribuição conforme as necessidades.

Essa transformação pascal era promovida pelo testemunho apostólico do Senhor Jesus. Esse testemunho gerava em todos, comunitariamente, a experiência coletiva da partilha de bens em favor das necessidades. Assim, os cristãos daquele tempo realizavam a sua fé por meio de gestos concretos de confiança em

Deus e nos irmãos, desapegando-se de suas posses em favor do bem comum. Que grande sinal de poder estava sendo realizado: gerando mais vida por terem feito a experiência da vida de Jesus ressuscitado! Se o quadro nos causa admiração, que dirá àqueles contemporâneos e contemporâneos da comunidade. Assim, podemos também ver que esse mesmo apelo encontrou eco na distante comunidade de Corinto, que se envolveu na partilha. Lucas faz questão de demonstrar o efeito dessa vida comunitária: “E os fiéis eram estimados por todos”. Assim, a comunidade fundada na Páscoa de Jesus agia por atração, e não por proselitismo. O seu viver internamente irradiava a força da ressurreição para os outros.

2. Evangelho: Jo 20,19-31 – O testemunho dos irmãos

A narrativa do evangelho do segundo domingo do tempo pascal, também chamado pela antiga tradição de “domingo de São Tomé”, põe-nos diante de três temas fundamentais: a fé e a dúvida em relação à ressurreição, o valor da comunidade no testemunho da fé pascal e a experiência de Jesus ressuscitado hoje. No centro desses três temas, o apóstolo Tomé, símbolo de todos os cristãos que procuram sinceramente crer em Jesus ressuscitado. O texto é dividido em duas partes fundamentais: na primeira, Jesus se manifesta à comunidade sem a presença de Tomé; na segunda, manifesta-se com Tomé presente. O texto principia com a afirmação do domingo, o primeiro dia da semana. No v. 26, volta a mesma referência por meio de outra expressão: oito dias depois. O primeiro e o oitavo dia são expressões que a tradição entendeu como referências ao “dia do Senhor”, o dia privilegiado da ressurreição. Outro elemento importante: nos dois momentos, a comunidade dos discípulos está reunida (vv. 19.26), mas, na primeira parte, o narrador menciona o detalhe de que eles estão reunidos a portas fechadas, com medo dos judeus.



Jesus se põe no meio deles como aquele que supera os fechamentos e limites. Em meio ao medo que fecha e paralisa, Jesus deseja a paz, sopra sobre eles – como Deus, na criação, fizera com o boneco de Adão (cf. Gn 2,7) – e os envia, como ele mesmo fora enviado. Livre da sua inércia, a comunidade recupera sua capacidade de anunciar. Tomé será o primeiro destinatário do anúncio eclesial...

Tomé recebe o testemunho da comunidade: “Vimos o Senhor”. Mas ele apresenta suas dificuldades de acolher o testemunho. Quer ver, tocar os sinais da paixão... Nega-se a crer sem ter suas exigências atendidas. Note-se que Tomé não demonstra ter um comportamento anômalo ao da comunidade. Ela também teve dificuldades (portas fechadas, medo). A ela também Jesus mostra as mãos e o lado. Mas, na primeira parte do relato, Tomé estava distanciado da comunidade. Não poderia experimentar o que os outros vivenciaram. Seu distanciamento, ou melhor, seu isolamento enfraqueceu a sua fé na ressurreição... Tomé também tem fechadas as portas dos ouvidos e do coração. O escândalo da cruz, que nos outros produziu medo, nele produz desconfiança. Assim, não ouviu o testemunho dos irmãos e, sem ouvir, não pôde chegar à fé.

A fé e a dúvida em relação à ressurreição acontecem com todos: com Tomé, mas também com a comunidade. É necessário percorrer o itinerário de uma para a outra. O evangelho nos oferece as pistas: primeiro fortalecer os vínculos, sobretudo os de fé, com a comunidade; acolher a revelação do evangelho (boa notícia) que a comunidade cristã custodia, mas também ser sincero sobre as próprias dificuldades. Jesus mesmo está atento a elas quando se manifesta e convoca Tomé a adotar nova postura a fim de ajudá-lo na fé. O Senhor permite que essas dificuldades encontrem nele respostas, entre as quais estão os sinais. A comunidade vive dos sinais da presença de Jesus (primeira leitura). É por isso que, como um mistagogo, a comunidade

pode conduzir à experiência da ressurreição. É também na comunidade que se dá o testemunho querigmático do anúncio (primeiro domingo da Páscoa). O rito da comunhão retoma, pela antífona a ser cantada como refrão, a experiência de Tomé. Assim como ele foi chamado por Cristo a estender as mãos para tocar-lhe as chagas, o fiel, na eucaristia, estende as mãos para (receber) tocar os sinais da paixão e ressurreição do Senhor.

Na segunda parte do texto, Tomé está presente na comunidade quando Jesus novamente se manifesta, fazendo igual saudação de paz. Dirigindo-se a ele, Jesus o convida a realizar suas demandas e lhe censura a falta de fé, declarando a bem-aventurança dos que creiam sem ter visto. Junto da comunidade, o apóstolo pode fazer a experiência da ressurreição que, no seu isolamento, lhe estava fora do alcance. Experimentar significa também sair de si, entrar em relação, deixar-se guiar pelo outro e para o novo que surpreende e convoca, mas também alegra, fortalece e transforma.

3. II leitura: 1Jo 5,1-6 – O amor a Deus supõe o amor aos irmãos

A primeira carta de João é um precioso escrito, marcado pelos primeiros embates da Igreja com o gnosticismo, corrente filosófica muito influente na região da Ásia Menor. Em suma, essa corrente de pensamento diminuía a força da comunidade e a ameaçava no seu cerne ao inserir elementos doutrinários estranhos à fé, como um modo de conhecimento de Deus que prescindia dos irmãos. Argumentando com base na fé nascida do batismo de Cristo – alusão à água e ao sangue (v. 6) e na imensa solidariedade de Jesus para com a humanidade, o texto chama a atenção para o vínculo que a fé gera: os cristãos entre si, com Cristo e com Deus. A leitura põe em relação importantes elementos da vida cristã: a fé e o amor. O amor a Deus conduz aos outros e vice-versa. A verdadeira fé faz circular o amor entre todos os que declaram amar a Deus.



III. Dicas para reflexão

A vivência de comunhão com a ressurreição de Jesus, testemunhada pelos apóstolos, é propulsora de partilha e de atenção às necessidades dos outros. Quem vive a Páscoa promove a vida dos irmãos.

Neste ano eleitoral, a partilha de bens pode assumir feições bastante interessantes. Movidos pela ressurreição de Jesus e unidos por uma fé operante e concreta, somos convidados a escolher projetos políticos e candidatos que tenham muito presente o bem comum, para que as necessidades dos pobres, como a saúde, a educação, a segurança pública, o trabalho e a moradia, sejam distribuídos igualmente entre todos. Vamos partilhar o voto?

O evangelho chama a atenção para a importância da comunidade na sua capacidade comunicadora da fé. Tomé é cada discípulo que faz o seu caminho de volta, o caminho ao seio da comunidade, que, como corpo do Senhor, sempre estará disposta a promover o encontro com Jesus ressuscitado.

A fé cristã supõe o amor. Ambos se realizam na circularidade das relações que têm em Cristo o modelo central de solidariedade ao ser humano.

3º Domingo da Páscoa
15 de abril

Vós sereis testemunhas de tudo isso

I. Introdução geral

O tempo pascal é tempo favorável para aprofundar a experiência da ressurreição do Senhor. As Escrituras dão-nos a conhecer Jesus quando buscamos superar nosso distanciamento de Deus, cumprindo sua Palavra, e quando buscamos superar nosso distancia-

mento dos irmãos. O tempo da Páscoa nos faz superar nossas dúvidas, incompreensões e temores.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: At 3,13-15.17-19 – Deus fez maravilhas por seu servo

Depois de ter curado um aleijado, Pedro pronuncia mais uma pregação querigmática, com todos os elementos que esse anúncio comporta (retomar a explicação da primeira leitura do domingo da Páscoa). Nele, o apóstolo introduz alguns elementos novos: Jesus está em continuidade com a história da salvação, e o agir dos judeus que condenaram Jesus foi por ignorância. Além disso, Pedro aprofunda o significado da rejeição de Jesus por parte dos judeus e retoma um tema importante para a teologia do evangelista Lucas: era necessário que o Messias sofresse.

Começando pela rejeição, Pedro deixa claro o que aconteceu a Jesus: ele era santo e justo, mas foi condenado pelos judeus. Jesus é chamado por Pedro de “o autor da vida” a quem impuseram a morte, mas Deus o ressuscitou. Note-se: a ação dos judeus incide sobre a vida de Jesus, condenando-o a morrer. Os judeus preferem um malfetor, pois não conseguem, por ignorância, reconhecer que Jesus é o autor da vida. Mas Jesus não está somente sujeito ao poder dos judeus; está, sobretudo, sujeito ao poder de Deus, que “faz maravilhas por seu servo” (salmo responsorial), ressuscitando-o.

Os judeus ignoraram, isto é, desconhecaram o significado da salvação operada em Jesus. Embora houvesse uma “cultura bíblica” entre os judeus, esta não foi suficiente para uma real transformação do povo. A ignorância deles estava, pois, no não cumprimento da lei de Deus (cf. a segunda leitura), que diziam conhecer. O tempo da Quaresma deste



ano retomou com frequência esse tema da infidelidade à aliança... Os judeus insistiram nas más ações, ignorando o seu saber bíblico. A ignorância permaneceu, a ponto de não distinguirem Jesus de Barrabás, por quem optaram... Não sabem que Jesus foi glorificado pelo mesmo Deus de Abraão, Isaac, Jacó e dos antepassados. Isto é, a glorificação dele realiza as expectativas dos antigos e as promessas que lhes foram feitas. Os três patriarcas são aqui citados por sua fidelidade à aliança. Jesus continuou fiel a ela, como os antigos, mas os judeus não.

Por fim, por que Jesus, o Cristo (Messias), haveria de sofrer? Deus quis o sofrimento de seu Filho e, por meio desse sofrimento, aplacou a sua ira? Essa forma de entender a morte de Jesus não aprofunda o nosso conhecimento da salvação; ao contrário, induz a ideia de um Deus sanguinário, cruel e muito distante do *Abbá* de Jesus. A necessidade do sofrimento se entende à luz da lógica da aliança, da fidelidade e da filiação divina. O Messias devia sofrer por causa da sua fidelidade, que revela e explicita o agir fiel do Servo Jesus, como Filho obediente. Em termos humanos, é exatamente nos tempos do sofrimento e das dificuldades que tendemos a relaxar em nossas opções, buscando a autopreservação e desculpas para abandonar a missão e a fé. Jesus se mantém fiel na hora do sofrimento e na humanidade que assumiu; em meio aos sofrimentos, permaneceu fiel, reafirmando sua filiação divina e a aliança.

2. Evangelho: Lc 24,35-48 – Nós comemos e bebemos com ele

O evangelho narra a continuidade do relato dos discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35). O ponto de partida é o relato dos dois peregrinos, Cléofas e, provavelmente, Maria, sua mulher, que estava com as outras Marias junto à cruz de Jesus (cf. Jo 19,25). Eles narram aos discípulos o que tinha acontecido no caminho e como reconheceram Jesus ao partir o pão. O

gesto da partilha do pão, além de ser, desde então, um sinal de máxima importância para as comunidades dos seguidores de Jesus, deu nome à celebração mais importante da Igreja, como memorial da morte e ressurreição do Senhor. De fato, a missa foi primeiro designada como “fração do pão”, pois este gesto remetia à memória perigosa de Jesus, que, dando a vida, desmontou os esquemas de uma religiosidade infiel à vontade de Deus.

O relato prossegue com uma nova manifestação de Jesus no meio deles, em um momento de muita intimidade com seus amigos. Ele lhes deseja a paz, insiste em ser reconhecido pelos seus e até pede para comer com eles, buscando sanar toda confusão e incerteza. Comer junto com os discípulos após a ressurreição será forte argumento usado por eles na pregação (cf. At 10,41). Isso significa que Jesus, que andou pelo mundo anunciando o reino de Deus e tomando refeição com os pecadores, se manifestou aos seus, depois da ressurreição, na intimidade da comunidade, tomando alimento com eles, demonstrando estar vivo para que neles se fortalecesse a fé na ressurreição e o anúncio da nova Páscoa não fosse nunca interrompido.

Segue, após a refeição, nova catequese. Jesus relaciona os acontecimentos da sua paixão com a totalidade das Escrituras: lei de Moisés, salmos e profetas, as três grandes unidades da Bíblia dos hebreus. Essa forma de leitura bíblica, relacionando textos dessas três grandes unidades, diz respeito ao modo rabínico de leitura, chamado *harizá*. Fazer *harizá* significa, literalmente, “enfiteirar contas”, como quem tece um colar. Criam os judeus que, quando os textos da Bíblia eram harmonizados assim como as contas de um colar, a experiência da aliança estabelecida no monte fumegante se reeditava. Por isso, no relato anterior, os discípulos de Emaús sentiram o coração arder! Com a ressurreição de Jesus, a aliança foi



restaurada e as Escrituras encontram nele a fidelidade, a unidade e o seu sentido último (cf. aclamação).

3. II leitura: 1Jo 2,1-5a – Temos junto do Pai um defensor

A primeira carta de João é uma exortação carinhosa aos discípulos para que não desanimem diante dos pecados, pois podem contar com Jesus, o nosso mediador e defensor, que deu a vida para libertar toda a humanidade do pecado e do mal. Mas essa confiança nos reenvia ao compromisso de viver na fidelidade, a exemplo de Jesus, guardando os seus mandamentos. Para isto o apóstolo escreve sua carta: para que os discípulos não pequem, mas, vivendo os mandamentos, conheçam a Deus e façam brilhar o seu amor pelo mundo. Viver os mandamentos não é apenas pronunciá-los da boca para fora ou decorá-los. Isso seria mentira e fingimento. Outrossim, é decisivo que os vivamos de maneira cada vez mais alicerçada na palavra dos apóstolos (v. 1), buscando manifestar o amor de Deus pelo mundo (v. 5). Mas qual é o amor de Deus pelo mundo? É Jesus, aquele que deu a vida como vítima de expiação pelos pecados, aquele que, vivendo a aliança na perfeita obediência e fidelidade, realizou um sacrifício agradável a Deus, coerente e eficaz. Por isso, temos em Jesus o inteiro perdão dos pecados.

III. Dicas para reflexão

Conhecer a Deus é guardar os seus mandamentos, ser fiel à aliança. Esse é o índice que dá comprovação à nossa fé. Assim como Jesus, o cristão deve buscar viver a aliança com Deus, contando sempre com a sua presença na hora das dúvidas e provações.

O conhecimento bíblico deve nos conduzir à fidelidade e ao amor a Deus e aos irmãos. O verdadeiro conhecimento de Deus realizado por meio das Escrituras aproxima-nos dos irmãos. Jesus verdadeiramente conheceu a Deus e, com a ressurreição, foi exal-

tado à direita do Pai sem, contudo, deixar os irmãos, seus discípulos.

Fazer a memória perigosa de Jesus, celebrando o dia do Senhor na partilha do pão, remete-nos à existência, onde somos chamados a partilhar o pão da nossa vida com os outros.

4º Domingo da Páscoa

22 de abril

O Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas

I. Introdução geral – O Bom Pastor, imagem da ressurreição

O quarto domingo da Páscoa é tradicionalmente dedicado à figura do Bom Pastor. Essa imagem é bastante fecunda, pois o pastor conduz as suas ovelhas para as verdes pastagens, para que sejam nutridas e se mantenham vivas. Ele as conduz, protege e nutre para que atinjam a estatura do Pastor, apesar de serem fracas (cf. oração do dia). A imagem do Bom Pastor é profundamente pascal, pois Jesus ressuscitado, doando sua vida, conduz a humanidade para a vitória sobre a morte.

II. Comentário dos textos bíblicos – De Pai para Filho, do Filho para os irmãos

O Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas, realiza a vontade do Pai. Essa dádiva de amor se prolonga na vida da Igreja, que experimenta e vive do mesmo amor (segunda leitura), mas também testemunha e distribui o amor que recebe (primeira leitura). Marcados pelo conhecimento do Pastor que revela o grande amor de Deus, somos movidos a exercitar nosso conhecimento de Cristo e do Pai por meio da obediência e da fidelidade ao seu mandamento.



1. I leitura: At 4,8-12 – A pedra rejeitada que se tornou angular

Pedro responde às acusações de ter curado um enfermo em nome de Jesus. A acusação revela a frivolidade dos acusadores, pois não lhes importa a cura ou o bem-estar do enfermo, mas o fato de ter-se usado o nome de Jesus, que eles crucificaram. Isto equivale a dizer que Jesus está vivo, pois em nome de um morto não seriam realizados esses sinais pelas mãos dos apóstolos. A cura denuncia a inoperância da maldade humana: não adiantou matar Jesus, pois os seus discípulos carregam o seu nome e, tal como o Mestre, realizam curas. Neste sentido, a cura representa algo mais ameaçador para os chefes do povo e anciãos. Jesus, que eles mataram, continua agindo por meio de seus discípulos. Sua morte e ressurreição disseminaram a sua atividade entre os seus seguidores, que passam a agir como ele e em seu nome.

Pedro não recua diante de seus acusadores, pois está investido da força do Espírito Santo. Ele diz com clareza em nome de quem o enfermo foi curado: daquele que os judeus crucificaram, mas foi ressuscitado por Deus, Jesus Cristo. Essa coragem traz ainda outra mensagem subliminar: Deus não compactuou com a maldade dos judeus que mataram Jesus, pedra rejeitada pelos construtores; outrossim, fez de Jesus a pedra angular. É uma referência explícita ao Salmo 117(118),22, cantado neste domingo (salmo responsorial). Isto é, Jesus passa a ser, no plano salvífico, o fundamento estabelecido por Deus ao qual todos vão se integrando para nele encontrar salvação. Baseado nessa referência, Pedro declara a primazia de Jesus como salvador (v. 12).

2. Evangelho: Jo 10,11-18 – Um verdadeiro Pastor

O discurso do Bom Pastor pertence ao décimo capítulo do Evangelho de João. Trata-se de discurso realizado junto ao pórtico de Salomão (cf. Jo 10,23), por onde adentravam os peregrinos que subiam ao Templo de Jeru-

salém. O pórtico, como porta de entrada do Templo, dava acesso aos lugares sagrados. O referido discurso, assim situado, permite perceber a alusão aos líderes religiosos daquele tempo. Eles são os mercenários, os que abandonam as ovelhas sob a ameaça de seus predadores. Jesus, ao contrário, apresenta-se como o Bom Pastor. O adjetivo “bom” é tradução possível para o grego *kálos*. Contudo, a palavra traz conotações morais. Alguns estudiosos argumentam ser preferível aludir a outra possibilidade de tradução da mesma palavra, que resultaria em “belo”. Contudo, o conceito de belo em português pode ainda resultar em alguma confusão de gosto estético. Não se trata disso. O belo aqui está associado a verdadeiro, autêntico, no sentido daquilo que se opõe aos falsos pastores e mercenários que Jesus menciona.

E por que Jesus é o verdadeiro Pastor? As afirmações que levam a entender a autenticidade desse Pastor que ele é são muitas: ele dá a vida pelas suas ovelhas (v. 11.15b); ele conhece as suas ovelhas e elas lhe pertencem e o conhecem (v. 14); seu rebanho ultrapassa as ovelhas do redil (v. 16a) e ele reunirá todas as ovelhas, dispersadas pelas ações dos lobos e pela omissão dos mercenários (v. 16b.12). À diferença dos mercenários, que se preocupam só consigo e não protegem as ovelhas, pois não são seus donos, o Bom Pastor se preocupa com as ovelhas e dedica a elas sua vida. O contraste é grande e vincula o discurso de Jesus à sua morte e ressurreição, quando realmente ele, como Bom Pastor, entra em conflito com os mercenários e os lobos.

No evangelho, o verbo conhecer aparece quatro vezes, sem contar a aclamação ao evangelho, na qual ocorre duas vezes. O conhecimento de que fala João não tem que ver com um esforço mental, de tipo racional. É algo bem superior a isso. Trata-se de conhecimento pessoal, íntimo, que supõe a relação de escuta da Palavra (cf. Jo 10,3-5). É conhe-



cimento calcado no amor e na relação que o próprio Jesus tem com o Pai (v. 15). Esse conhecimento está fundado na fidelidade: Jesus obedece ao Pai porque está atento à ordem que dele recebeu: dar a vida por suas ovelhas (v. 18). É esta a conclusão da alegoria apresentada por Jesus: o Bom Pastor tem autonomia para fazer a vontade do Pai, dando a vida voluntariamente (na sua morte) para poder retomá-la (ressurreição). E essa conclusão elucida o vínculo entre a figura do Bom Pastor e o tempo pascal.

3. II leitura: 1Jo 3,1-2 – Conhecer a Deus em Jesus, o Filho

A primeira carta de João tem como pano de fundo a negativa influência gnóstica que valoriza em demasia o esforço pessoal e o mérito, solapando a experiência de ser comunidade. O primeiro fundamento da vida cristã está na própria relação filial de Jesus com o Pai. Em Jesus, o discípulo experimenta essa mesma relação com Deus, pois a ele se assemelha (v. 2). Por isso, o apóstolo fala de “um grande presente de amor” (v. 1). Trata-se do mesmo amor que o Pai dedica a seu Filho, Jesus.

No evangelho, o conhecimento de Deus tem que ver com a escuta da Palavra de Jesus, o Bom Pastor. Aparentados de Jesus, os discípulos são diferentes daqueles que não conhecem o Pai, isto é, daqueles que se colocam de fora da relação filial que é própria de Jesus. Preferem a autonomia em relação a Deus e, nessa postura arrogante, não chegam ao verdadeiro conhecimento que é dado aos cristãos por Jesus.

III. Dicas para reflexão

A comunidade de fé prolonga as ações de Jesus. Agindo em nome de Cristo, ela leva a salvação a todos aqueles que encontram em Jesus fundamento para a vida. Prolongar a atividade de Jesus comporta riscos. Assim como ele, os discípulos poderão sofrer perse-

guições e questionamentos. Contudo, contam com a assistência do Espírito Santo.

O Bom Pastor, Jesus, ao contrário de outros, não se autopreserva, mas doa a vida livremente. Ele conhece as suas ovelhas ao modo do seu conhecimento de Deus, fundamentado na obediência e na fidelidade. A comunidade que vive não para si mesma, mas para os que necessitam, se assemelha a Jesus, o Bom Pastor, que dá a vida pelas ovelhas.

O conhecimento de Deus tem que ver com a obediência à Palavra e com a sua escuta. Só isso poderá nos inserir naquilo que é próprio da relação filial de Jesus. Mas não se trata de mérito ou conquista pessoal. Antes, é uma experiência do amor de Deus que se revelou em Jesus.

O amor do Bom Pastor experimentado pelos discípulos se comprova quando expandimos esse mesmo amor. Amar como Jesus – isto é, superar as situações de morte, injustiça e exclusão – equivale a agir em seu nome e testemunhar que ele se tornou fundamento de nossa vida.

5º Domingo da Páscoa

29 de abril

Sem mim, vocês não podem fazer nada

I. Introdução geral

O tempo da Páscoa aprofunda o sentido da ressurreição para a nossa vida. Os sacramentos da iniciação cristã – batismo, confirmação e eucaristia – estão radicados no mistério pascal, que nos concedeu participar da vida nova em Cristo. Mas essa é uma experiência de coparticipação. Estar unido a Cristo supõe estar unido a outros irmãos e irmãs que compartilham do mesmo chamado, da mesma experiência, da mesma destinação. A



morte e a ressurreição de Jesus nos inserem, necessariamente, na comunhão de vida com o corpo do Senhor, a Igreja.

II. Comentário dos textos bíblicos

A Palavra do Senhor é critério de permanência em Cristo e em Deus. Ela indica o caminho do amor, como esteio da comunidade que é capaz de reconhecer e integrar os que produzem frutos de conversão. Movida pelo Espírito – a seiva da videira que é Cristo –, a Igreja é chamada a viver confiantemente no amor que nos liga a Deus e aos irmãos.

1. I leitura: At 9,26-31 – Um estranho no ninho

O apóstolo Paulo, ainda designado como Saulo, recém-convertido ao caminho do evangelho, encontra dificuldades em ser aceito pela comunidade dos discípulos, pois outrora fora ardoroso perseguidor da Igreja. Mas, com o testemunho de Barnabé, ele acaba sendo acolhido e permanece com eles, participando de sua missão, desafios e até da perseguição (v. 29). Recebe dos discípulos também proteção e cuidados. Quando ameaçado de morte, Saulo é levado pelos discípulos para Cesareia e, depois, para Tarso.

Essa leitura prepara os ouvidos para o evangelho, pois a comunidade é o corpo de Cristo, a forma concreta de permanecer com Jesus. Unido à Igreja, não mais a perseguindo, Saulo, como um ramo que produz frutos de conversão (cf. Lc 3,8), tornar-se-á o “apóstolo dos gentios”. Neste ponto cabe bem a conclusão da leitura: a Igreja vivia em paz em toda a Palestina (Judeia, Galileia e Samaria), crescendo no temor do Senhor com a ajuda do Espírito Santo. A vocação do apóstolo, integrada na comunidade e explicitada pelo relato lucano nos Atos dos Apóstolos, é pequeno retrato da fecunda união com Cristo que a comunidade viabiliza.

2. Evangelho: Jo 15,1-8 – Ser parte do todo

O evangelho deste domingo retoma importante imagem para a Sagrada Escritura, a imagem da videira, muito aparentada com a imagem da vinha (plantação de videiras). No Primeiro Testamento, a videira/vinha, em termos gerais, simboliza o povo de Israel (cf. Is 5,1-7). Este simbolismo é uma forma de narrar as vicissitudes desse povo na sua relação com Deus. Deus, o agricultor, é aquele que cobre a sua videira/vinha de cuidados especiais, dando-lhe todas as condições para que seja fecunda e produza frutos saborosos, condizentes com os cuidados que recebe. Contudo, não é isso que acontece. Ao contrário, a videira decepçiona sempre o seu dono/agricultor, produzindo frutos amargos. As imagens refletem a relação de aliança: enquanto Deus dedica o seu amor ao seu povo, este lhe devolve rejeição e distanciamento de sua vontade.

No Evangelho de João, a alegoria da videira está inserida num discurso de despedida de Jesus dirigido aos seus discípulos. Esse discurso recupera o anterior simbolismo da tradição de Israel, mas o remodela em Cristo, pois agora ele é a videira. Ou seja, aquela situação de infidelidade, na qual o povo não produz frutos de justiça, tem seu termo em Jesus. Ele põe fim à longa história de desobediência e pecado de Israel. Por isso cabe aqui assinalar o qualificativo: videira verdadeira. Evidentemente, trata-se de uma oposição às falsas videiras. Em termos joaninos, isso pode ser entendido não apenas em relação a Israel, que, sem dúvida alguma, é eixo da metáfora, mas também em relação aos pagãos recém-convertidos, sobretudo os de origem helênica, muito afeiçoados ao sincretismo.

Jesus, a nova videira, é a imagem do novo povo de Deus. Contudo, como o próprio texto sugere, é necessário que seus discípulos permaneçam nele, como os ramos.



O Pai, agricultor da sua videira, cuida dos ramos para que produzam mais frutos e corta aqueles que não produzem fruto. Existe, portanto, uma proximidade entre os verbos permanecer e frutificar (produzir fruto). Permanecem e frutificam aqueles que observam a palavra de Jesus (v. 7) e se purificam por essa Palavra (v. 3). Este é o vínculo de permanência dos ramos na videira. Já os frutos têm duplo direcionamento: o amor aos irmãos (mandamento de Cristo) e a glorificação do Pai pela obediência a Cristo no discipulado (v. 8).

O texto mostra uma reciprocidade: permanecer em Cristo significa que ele permanece nos discípulos (v. 4). O vínculo com ele, pela Palavra e pelo amor, revela uma dependência dos discípulos para com Cristo, sem o qual nada realizam (v. 5) e não produzem fruto (v. 4). Neste sentido, o texto aprofunda o que foi afirmado no domingo anterior. Lá, Pedro declara curar em nome de Jesus, que foi feito por Deus, pela sua morte e ressurreição, a pedra fundamental. Aqui, Jesus é novamente posto no centro, como videira verdadeira, porque, por sua morte e ressurreição, realizou a relação de aliança que o povo de Israel já não observava. Fora de Jesus, isto é, sem permanecer nele, os discípulos serão como ramos estéreis, infrutíferos.

3. II leitura: 1Jo 3,18-24 – Sob o crivo do amor

A segunda leitura explícita e reforça ainda mais o modo de permanência em Cristo: o amor concreto aos irmãos. Esta é uma característica marcante da comunidade cristã, que a distingue de qualquer outra proposta religiosa ou filosófica (gnose): o amor que se realiza não só de boca e com palavras, mas com a verdade das ações (v. 18). O amor fraterno é índice, o “termômetro” da permanência em Cristo, pois é o cumprimento do mandamento dele (v. 23). Vivendo assim, a comunidade não tem por que se inquietar, pois permane-

O diálogo das religiões

Andrés Torres Queiruga



88 págs.

A presença dos fundamentalismos, a instrumentalização dos credos religiosos para fins terrivelmente bélicos e a inquietude espiritual compõem um problema diante do qual não é possível fechar os olhos. É urgente pensá-lo de verdade. O autor o trata com clareza e honestidade, procurando prestar um auxílio na promoção do diálogo, do debate e do ânimo para uma práxis renovada.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



ce em Deus e Deus permanece nela. Onde houver dúvida, esse critério (v. 19) ratifica a verdade do caminho do evangelho.

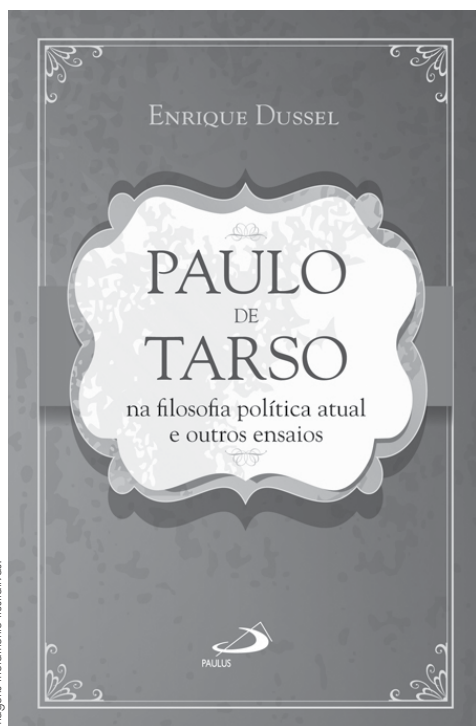
Mas o alicerce dessa experiência não está no esforço pessoal ou comunitário. Está sobretudo na compreensão de um Deus favorável, maior do que o coração humano, quando este nos acusa (v. 20). Para os antigos, o coração não é o lugar dos sentimentos, mas o lugar das grandes decisões e das opções. O lugar onde Deus habita com a sua Palavra, que ilumina o caminho e permite prosseguir junto a Ele. Seria *grosso modo* o que nós, ocidentais, chamamos de consciência. A consciência é um saber do coração em conexão com Deus. Quando o coração não se sente acusado, porque ama e porque segue a Palavra de Cristo, a confiança flui naturalmente diante de Deus, a liberdade e a herança de filhos são alcançadas (cf. oração do dia).

III. Dicas para reflexão

Permanecer em Cristo tem que ver com a comunidade de fé, onde o exercício do amor que acolhe e dispõe para a missão, mas também apoia e protege, é fruto do Espírito que gera paz e a faz crescer.

No seu discurso de despedida, Cristo mostra que não haverá separação de si se houver amor e fidelidade à sua Palavra. O cristão, unido a Cristo, frutifica pelos cuidados do agricultor (Pai), que poda os ramos para que produzam mais frutos e estabelece seu Filho como a videira verdadeira.

No coração dos fiéis e da comunidade mora o mandamento de Cristo, o amor. O amor verdadeiro, que se traduz em gestos, realiza a permanência e gera a confiança num Deus que é generosamente maior do que qualquer coração que se sinta acusado. ●



Imagens meramente ilustrativas.

240 páginas

Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios Enrique Dussel

Este conjunto de trabalhos recentes mostra alguns aspectos dos temas que estão sendo tratados na filosofia atual. Certos tabus na tradição secularista do Iluminismo vêm perdendo sua essência, e se inicia uma nova maneira de encarar a realidade cultural, com novo olhar. Essa temática, unida a uma busca da origem da cultura ocidental, que não pode se referir nem única nem principalmente à filosofia helênica ou romana, apresenta a possibilidade de abordar novos problemas.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br